



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**Natália Faria de Moura**

**Identidade negra e a representação de lugar dos moradores de Lavras Novas,  
Ouro Preto-MG.**

Viçosa, 2010.

Natália Faria de Moura

**Identidade negra e a representação de lugar dos moradores de Lavras Novas,  
Ouro Preto-MG.**

Monografia apresentada ao curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa como pré-requisito para a obtenção do título de bacharel em Geografia.

Orientadora: Janete Regina Oliveira

Viçosa, 2010.

Natália Faria de Moura

**Identidade negra e a representação de lugar dos moradores de Lavras Novas,  
Ouro Preto-MG.**

Banca examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup>: Janete Regina Oliveira (orientadora)  
Universidade Federal de Viçosa

---

Prof.: Leonardo Civalle (coorientador)  
Universidade Federal de Viçosa

---

Prof.: Edson Soares Fialho  
Universidade Federal de Viçosa

Viçosa  
16/06/2010

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a minha mãe, minha avó e minha madrinha que durante todos esses anos de graduação me incentivaram, apoiaram e ainda proporcionaram minha permanência em Viçosa através de ajuda financeira.

Agradeço aos meus amigos de Sete Lagoas que mesmo distantes aturaram minhas constantes lamentações e alguns dias de mal humor. Aos meus amigos de Viçosa que me proporcionaram grandes momentos de alegria, mas também por compreender e amparar nos meus dias de estresse, ansiedade e preocupação.

A professora Janete pela orientação, por acreditar no desenvolvimento desse trabalho e por me proporcionar calma durante o percurso de seu desenvolvimento.

Agradeço ainda ao Programa Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/UFV) e todos as pessoas com as quais trabalhei neste por me proporcionarem conhecimentos e ferramentas para construção de um trabalho político-dialógico junto a grupos sociais “não hegemônicos”. Por me proporcionar a compreensão e a experiência em processos educativos populares que visam à emancipação dos sujeitos sociais, ações que continuarei carregando como ideal de caráter profissional e de filosofia de vida.

Por fim, agradeço aos moradores de Lavras Novas, especialmente os que mantive contato durante a pesquisa, por me receberem com paciência e contribuírem para que esse trabalho fosse possível.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> -----	6
<b>INTRODUÇÃO</b> -----	7
<b>CAPÍTULO 1- Representações social e de lugar, identidades e negritude.</b> -----	11
1.1 A representação social na construção da identidade cultural -----	11
1.2 O Processo de construção identitária negra no Brasil.-----	15
1.3 O lugar: base de produção da formação identitária -----	20
<b>CAPÍTULO 2- Os caminhos da pesquisa</b> -----	24
2.1 Os Sujeitos-----	24
2.2 O lugar-----	24
2.3 As metodologias da pesquisa-----	27
2.3.1 Pesquisa Bibliográfica-----	27
2.3.2 Pesquisas de campo: Entrevistas e Observação participante-----	27
2.3.3 Sistematização e análise dos dados-----	29
<b>CAPÍTULO 3- A (re)organização do espaço sócio-cultural e a (re)construção das identidades dos moradores lavrasnovenses</b> -----	31
3.1 A origem, a formação sócio-espacial, as tradições culturais e as recentes modificações no espaço e na cultura de Lavras Novas-----	31
3.2 Identidades, Identidades negras e a representação do lugar-----	46
3.3 As recentes transformações no lugar e os efeitos na identificação dos moradores com o lugar-----	53
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> -----	59
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> -----	62
<b>ANEXOS</b> -----	65
Anexo I-----	66
Anexo II-----	68
Anexo III-----	69

## **RESUMO**

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade, negritude, lugar, representação do lugar.

Este trabalho visa compreender qual a relação do lugar com a identidade cultural, analisando como esse influencia na formação da identidade étnico-racial e qual a relação das representações do lugar com a qualificação da identidade negra dos membros da comunidade de Lavras Novas em Ouro Preto–MG. Trabalhou-se com uma amostra representativa dessa população, para tanto, usou-se a metodologia “bola de neve” a qual possibilitou a chegada aos informantes da pesquisa por sucessivas indicações dos mesmos. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e a observação participante distanciada, o que permitiu uma análise mais abrangente dos fenômenos estudados. Constatou-se que existe uma forte identificação dos moradores com o lugar onde vivem, evidenciada pela manutenção e valorização de alguns elementos culturais, tais como manifestações e atividades tradicionais, bem como de lugares que remetem a história lavrasnovense. Tal identificação permanece mesmo com as grandes transformações sofridas na comunidade nos últimas décadas graças à expansão da atividade turística. Apesar de haver elementos sobre a formação sócio-cultural do lugar que remetem a identidade negra, a maior parte dos moradores nega sua origem afrodescendente. Por fim, não houve elementos suficientes para afirmar se a identidade negra reconhecida por parte desses moradores interfere ou não na representação do lugar, portanto não é possível avaliar a influência desta na qualificação da identidade negra.

## INTRODUÇÃO

O ressurgimento da geografia cultural, após um período de respectiva perda de importância, entre 1940 e 1970, significou uma renovação temática e também de sua abordagem. Segundo Corrêa (1999) seu ressurgimento pós-positivismo vem da consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da organização espacial e sua dinâmica.

Nesse sentido, é necessário compreender a relação que o espaço material tem com a identidade cultural, já que aquele, assim como afirma Haesbaert (1999), é estruturador desta última.

Sendo assim, o lugar, é a porção do espaço que pode conduzir a construção da identidade cultural, pois ele é apropriável para a vida, através do corpo, dos sentidos, dos modos de uso, do reconhecimento, do cotidiano que vão ganhando significados simbólicos dados pelo seu uso.

A representação cultural, entendida como um conjunto de significados de uma cultura, do lugar para as pessoas que nele habitam está intrinsecamente relacionada à formação e transformação das identidades. Portanto, “as culturas [...], ao produzir sentidos sobre [o lugar], sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades” (HALL, 2004, p.51).

É a partir dessa representação que podemos verificar qual a relação do lugar com a construção das identidades, essencialmente a identidade étnico-racial compreendida enquanto características culturais, tais como: língua, religião, costume, tradições, sentimento de lugar (pertencimento), formas de falar, sistemas de representação e práticas sociais (discurso). Portanto, tradições culturais de matriz africana, ou seja, a história desses povos, sua ancestralidade, religiosidade, músicas, danças, estética e formas de ver o mundo influenciam e fundamentam a construção permanente da cultura e identidade negras no espaço habitado pelos mesmos.

Diante disso, o foco de análise dessa pesquisa é à identidade étnico-racial da cultura e do povo negro, assim como o lugar por ela ocupado. Pretende-se assim, compreender as representações de lugar dos (as) habitantes do distrito de Lavras Novas, município de Ouro Preto-MG. Isto é, qual a relação entre o espaço percebido, concebido, representado e o espaço social, construído, projetado? (LEFEBVRE, 2008) Como o grupo se relaciona com o lugar onde vive? Além disso, busca-se compreender de que forma este lugar também auxilia na construção de uma identidade étnico-racial. Se este

lugar tem significados que retratam a historicidade afrodescendente – a memória dos seus antepassados negros, signos e símbolos que marcaram a luta pela libertação dos escravos e pelo reconhecimento da cultura negra – as expressões das tradições de matriz africana, entre outros. Em seguida, procura-se, então, avaliar como estas representações influenciam na formação de uma visão positiva, ou seja, a ênfase na beleza e particularidade das expressões culturais, ou negativa, preconceitos e imagens negativas da estética, do modo de vida e dos valores característicos dos afro-brasileiros, da cultura negra. Nesse sentido, pode haver a afirmação - através do resgate de sua cultura, suas expressões corporais, sociais e espaciais que as singulariza - ou a negação dessa identidade, isto é, a rejeição dessas expressões culturais.

Nesse sentido, procura-se apurar através da pesquisa a seguinte pressuposição: as diferentes representações do espaço vivido cotidianamente influenciam diretamente a construção positiva ou a negativa da cultura negra e o reconhecimento da identidade negra dos (as) habitantes do distrito de Lavras Novas. Tal hipótese foi revisada ao longo do desenvolvimento da pesquisa e deu lugar a outra: algumas representações do lugar e manifestações culturais executadas até hoje pela comunidade lavrasnovense influenciam a construção da identidade com o lugar e da identidade negra.

De tal modo, os sujeitos da análise são os (as) integrantes da comunidade de Lavras Novas, distrito localizado a 17 Km de seu município sede. Essa comunidade é composta por negros e afrodescendentes, em sua maioria, além de migrantes atraídos pelo potencial turístico do distrito.

São notáveis as grandes transformações econômicas e sociais ocorridas no lugar no início da década de 1990, acentuadas pela incursão dos turistas e de empresários vindos de outras localidades para investir na crescente indústria turística. Nesse contexto perfazendo-se também como objetivos específicos da pesquisa, será averiguado: se essas mudanças provocaram alterações no sentimento de lugar dos habitantes locais, se transformou a relação dos mesmos com as manifestações culturais locais, acentuando-as ou recuando-as e quais benefícios e problemas podem ser encontrados na comunidade a partir disso.

A principal motivação para essa investigação surgiu a partir de minha aproximação, em meados de 2008, com a Associação Quilombola Herdeiros do Banzo (AQHB), na qual desenvolvíamos um projeto de extensão universitária, que visa à geração de trabalho e renda através dos princípios da Economia Popular Solidária, pelo Programa Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/UFV). Deste modo, a



realização desse trabalho permitiu aprofundar sobre a temática cultura negra e possibilitou refletir e posteriormente relacionar os conceitos geográficos, estudados ao longo do curso, com a realidade local dos habitantes de Lavras Novas.

O primeiro contato com a comunidade de Lavras Novas se deu em 2008 com fins turísticos. Tal contato despertou uma grande curiosidade com relação à origem e formação histórica-cultural deste povoado, que é composta majoritariamente por negros.

O presente texto organiza-se da seguinte forma: no primeiro capítulo há a apresentação da temática, discorrendo sobre os conceitos que fundamentam a mesma - identidade cultural, representação social, negritude, identidade negra e lugar- buscando discuti-los de forma relacionada para que possam embasar o posterior confronto dos dados coletados no trabalho de campo. No segundo capítulo há a descrição dos procedimentos metodológicos da pesquisa, a apresentação dos sujeitos e amostras da população, a delimitação da unidade de análise e a apresentação dos métodos de coleta e análise de dados. Enfim, no terceiro capítulo há a apresentação dos dados coletados, discussões em torno do confronto destes dados com o referencial bibliográfico, especialmente com os conceitos base da investigação. Assinala a formação histórica, as tradições culturais do lugar, suas permanências e não permanências, ressignificações e ainda as modificações sócio-espaciais a partir da estruturação da atividade turística no distrito. Aponta, além disso, a construção das identidades de lugar e étnicas e a representações das mesmas no espaço. Busca-se também responder os problemas levantados previamente e averiguar se a hipótese pode ser constatada na realidade observada. O texto é, portanto, finalizado com a exposição dos resultados encontrados na pesquisa.

Esse tema possui considerável relevância para a discussão geográfica, pois traz a tona à questão da formação da identidade cultural afro-lavrasnovense a partir da relação e da representação do espaço vivido e sentido pelos habitantes desse distrito. A construção desse trabalho pode permitir que se conheça outra dimensão da produção do espaço através de uma apreciação pautada no pertencimento étnico-racial e não, como feito comumente nas discussões sobre relação sociedade e espaço, pelo viés unicamente socioeconômico.

Igualmente considera-se que os resultados desta monografia, cujo resultado será apresentado aos moradores, poderão proporcionar ao grupo a ser estudado se reconhecer enquanto *guardiões da memória* da história e cultura de seus antepassados, podendo reafirmar e expandir a busca pela valorização e reconhecimento das tradições culturais

locais tanto pelos próprios moradores, quanto pelos visitantes do lugar. Aliás, pode propiciar a reflexão sobre a importância da herança negra na construção do espaço e da cultura lavrasnovense, possibilitando, o reconhecimento e valorização da ancestralidade negra dessas pessoas.

## **CAPÍTULO 1- Representações social e de lugar, identidades e negritude.**

### **1.1 A representação social na construção da identidade cultural**

Segundo CASTELLS (2003), a formação da identidade ocorre quando significados são construídos com base em um atributo cultural, ou com base na inter-relação de um conjunto de atributos culturais. A identidade se difere dos papéis, que são definidos por normas estruturadas pelas instituições da sociedade e organizam as funções, já a identidade é fonte de significado para a própria pessoa que a constrói a partir de um processo de *individuação*, e autoconstrução. Assim temos que a identidade organiza os significados.

A construção da identidade vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço (CASTELLS, 2003, p. 4).

A identidade pode assumir dois aspectos: um que agrega características em um grupo, como por exemplo, as feministas, que têm como princípio comum à reivindicação por uma igualdade social, especialmente relacionada ao gênero; e outro que identifica características alheias à pessoa ou ao grupo, como por exemplo, cristãos em oposição a aqueles que não crêem em Cristo. Isso porque, toda identidade só se define em relação a outras identidades, numa relação complexa de escalas territoriais e valoração negativas e positivas (HAESBAERT, 1999).

Portanto, a identidade é estabelecida de acordo com o “outro”, o seu diferente:

[...] não há como “identifica-se” algo sem que sua “diferenciação” (em relação ao “outro”) seja construída, a ponto de “diferenciar-se” e “identificar-se” tornarem-se completamente indissociáveis – isto demonstra, de saída, o caráter permanentemente relacional da construção identitária, sempre produzida na relação com aquele que é estabelecido como o seu “outro” (Id., 2007, p. 36)

Nesse contexto Hall (2004) afirma que o núcleo interior do sujeito não é autônomo, pelo contrário, é formado na relação com outras pessoas, que mediavam para os sujeitos os valores, sentidos e símbolos do mesmo mundo que ele habita – a cultura “[...] diz respeito às vivências concretas dos sujeitos, à variabilidade de formas de conceber o mundo, às particularidades e semelhanças construídas pelos seres humanos ao longo do processo histórico e social (GOMES, 2003, p. 2)”.

Igualmente, “a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade” (HALL, 2004, p.11), assim como considerado pela concepção do *sujeito sociológico*. Esta concepção de identidade sociológica preenche o espaço entre o *interior* e o *exterior* – entre o mundo pessoal e o mundo público. Sendo assim, esta interação entre o pessoal e o público contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. “A identidade, então, costura o sujeito à estrutura” (op. cit, p. 12).

Dessa forma, a construção da identidade social é sempre dinâmica, não é um processo estável e fixo. Além disso, como já dito, ela não possui características próprias, pois possui caráter relacional, dialógico e é múltipla, sempre disponível a re-construções (HAESBAERTH, 2007). Os símbolos que a compõem se apóiam em referenciais concretos, sendo assim, sua construção é sempre simbólica e material. O que dá materialidade às identidades, portanto, são os objetos e os espaços reconhecidos pelos grupos sociais.

HALL (2004) assegura ainda, que a identidade é também formada com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente e a subjetividade é o produto desses processos inconscientes, idéia que pode ser certificada a partir da descoberta do inconsciente de Freud. Portanto, as identidades não são inerentes ao ser humano, e sim são construídas e reconstruídas no interior da representação cultural.

Esse autor ainda salienta que “as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades” (Id., 2004, p.51). O mesmo pode ser dito com relação à formação das identidades étnicas. Esses sentidos, por conseguinte, estão ligados à memória, a estórias contadas e imagens da cultura que são construídas.

O que dá sentido as identidades, por sua vez, são as narrativas do seu povo: a tradição contada e recontada nas histórias e nas literaturas, na mídia e na cultura popular que fornecem uma série de imagens, estórias, panoramas, cenários, eventos históricos,

símbolos e rituais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas e as glórias de um povo.

[...] partilhar uma idéia ou uma linguagem é também afirmar um vínculo social e uma identidade. [...] A partilha serve à afirmação simbólica de uma unidade e de uma pertença. A adesão coletiva contribui para o estabelecimento e o reforço do vínculo social (JODELET, 2001, p.34).

Deste modo, a identidade está profundamente envolvida no processo de representação social - sendo esta compreendida enquanto aceções compartilhadas pelos membros de um mesmo grupo que constroem uma visão consensual da realidade em que vivem. Estas se apóiam em valores variáveis, de acordo com os grupos sociais de onde tiram suas significações, e em saberes anteriores. Portanto, são fenômenos complexos e ativos na vida social (JODELET, 2001).

Segundo SANTOS e CHAVES (2007) “A finalidade das representações é proporcionar a familiarização, fazer com que os objetos, pessoas e acontecimentos sejam percebidos e compreendidos em relação a conhecimentos prévios”.

Para JODELET (2001) não há representação sem objeto, sendo assim, os sujeitos sempre se reportarão a uma pessoa, uma coisa, um acontecimento material, psíquico ou social, um fenômeno, uma idéia, etc. que pode ser real ou imaginária. Isso é a representação social é sempre a representação de alguma coisa ou de alguém, por isso tem com seu objeto uma relação de simbolização e de interpretação (significações), sendo, portanto, uma construção e expressão do sujeito.

Deste modo, reflete-se que viver em sociedade significa estar dominado por uma lógica simbólica a qual nos adaptamos sem que, muitas vezes, não tenhamos consciência disso.

Para Corrêa (2007) as formas simbólicas - resultado das representações sócio-culturais no espaço - mantêm e criam a identidade. Elas constituem marcas identitárias que singulariza certa área do espaço ou um grupo humano.

Assim, a moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representações têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas.

Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos [no primeiro estão] suas 'paisagens' características, seu senso de 'lugar', de 'casa/lar', bem como localizações no tempo – tradições inventadas que ligam passado e presente, em mitos de origem que projetam o presente de volta ao passado [...] (HALL, 2004, pp.71-72).

Ou seja, as identidades são sempre conformadas com relação ao passado, à memória de um grupo, sendo assim possui dimensão histórica ao mesmo tempo em que são conformadas em relação ao presente, ao entorno espacial vivenciado, à dimensão geográfica.

HAESBAERTH (2007) ao afirmar a dinamicidade do processo de construção identitária relaciona-a ao aumento generalizado das mobilidades - podem ser concretas (migrações) ou virtuais (via ciberespaço) - no contexto atual e conseqüentemente a constituição de territorialidades, tais processos serão denominados por ele como *hibridização cultural* e *multiterritorialização*. O primeiro entendido enquanto entrecruzamento de traços culturais entre diferentes grupos ou sujeitos que potencializa a dinâmica de convívio e produz múltiplas identidades. Já o segundo se dá quando sujeitos ou grupos sociais desenvolvem ao mesmo tempo vínculos identitários com mais de um território ou com territórios múltiplos, híbridos. Tais processos são percebidos por esse autor de forma associada.

Ressalta-se também o extremo oposto do hibridismo cultural: os movimentos *tradicionalistas* ou de *reclusão* ou ainda fechamento ao maior intercâmbio cultural. Esses movimentos pressupõem que a hibridização compreende a perda de tradições e raízes locais, por isso propõem um retorno às territorialidades mais excludentes e relativamente fechadas, buscam um apego as *raízes identitárias*, um *retorno as origens*. Nisso as identidades ligam-se a estabilidade, a-temporalidade e a-espacialidade que permitiria reviver as origens (Id., 2007). O tradicionalismo está, muitas vezes, associado à *naturalização* isso porque busca a legitimação da identidade do grupo através do *laço territorial* sólido entre o homem e a natureza.

Finalmente pertinente a isso é possível considerar hoje três formas de manifestações identitárias: as *identidades globais* que dissipa as identidades através do processo de globalização, as *identidades de resistência* que dá vigor as antigas tradições coletivas e as *identidades pluriculturais* que dialogam com o universal e o particular. (HALL, 1997 apud HAESBAERTH, 2007).

## 1.2 O Processo de construção identitária negra no Brasil.

O movimento da negritude emerge, em meados do século XX, da compreensão, inicialmente da intelectualidade e elite sócio-econômica negra, do contexto histórico ao qual o negro foi submetido pelo colonizador branco. O sentimento de negritude envolve uma grande vontade de sair da marginalidade e construir uma identidade. Nisso está incluso a negação da superioridade colonizadora e a busca das suas origens culturais africanas - *volta às raízes* - por meio da luta pela independência e autonomia dos povos negros.

As circunstâncias históricas que permitiram o surgimento desse movimento foram a colonização e a escravidão. Tais instituições marcaram profundamente a visão, o imaginário e as atitudes da sociedade ocidental e a do próprio negro colonizado. A justificativa e a legitimação dessas instituições são patenteadas por diversas teorias sobre as características físicas, morais e sociais dos grupos negros, pautadas por estereótipos e preconceitos, são elas: *missão colonizadora*, que tem a justificativa de tirar o negro da condição de selvagem, primitivo, afirmando assim a inferioridade do colonizado e a superioridade dos colonizadores; *teorias da degeneração* que buscam legitimar a inferioridade da aparência física dos negros; *racismo científico* ajustados pelo iluminismo, posteriormente pelo evolucionismo com apoio na ecologia, pela teoria racista com apoio na biologia e, pelo positivismo. As teorias racistas científicas insurgiam numa época de grande valorização social da ciência, assim, foram usadas para escamotear os fins econômicos e imperialistas da empresa colonial (MUNANGA, 1986).

Essas circunstâncias permitiram a construção de uma imagem negativa dos povos negros que foi introjetada no discurso e na imagem do negro de si mesmo. Nesse sentido, houve a assimilação do discurso degenerativo do branco europeu sobre as culturas negras e a submissão aos seus padrões sociais. O negro apropriou-se dos valores culturais do branco no intuito de incorporar a “normalidade” a fim de ser incluído na sociedade colonial de forma congruente. Porém, não obteve sucesso nesta sua empreitada. O colonizador não o integrou a sua coletividade, ao invés disso, usou desse meio para expropriá-lo das suas raízes culturais para, então, mais facilmente dominá-lo.

Tal evento é reconhecido pelos pensadores contemporâneos como *ideologia do branqueamento*<sup>1</sup>, isto é, houve a adoção do conceito de teoria do branqueamento moral e/ou social para caracterizar a assimilação da comunidade negra dos valores e costumes da elite branca. Esse fenômeno é encarado com naturalidade pela maioria dos negros, o que facilitou sua penetração e a supressão da cultura negra.

Essa teoria moral e/ou social estava estreitamente ligada a sua face estética, que prescrevia também a assimilação do padrão de beleza branco europeu que tinha como conseqüência a baixa auto-estima do negro e a negação da sua negritude. Havia também, porém, não tão contundente quanto às últimas, a ideologia do branqueamento biológico. Esse implicava a idéia de aprimoramento da raça ao se casar negros ou mulatos com brancos ou tipos mais claros, ou seja, o fruto de uma união estaria se distanciando das características do tipo negro, tão repudiadas pela sociedade.

DOMINGUES (2002) faz uma análise de como esses pressupostos influenciaram na formação do pensamento racista dentro da própria população afrobrasileira e como isso contribuiu para aceleração do massacre da cultura negra e da diluição de seu povo em São Paulo, do início a meados do século XX. Ele esclarece como esta ideologia foi legitimada e assimilada tanto pela população branca, como, em especial, a negra paulista. Para tanto, o autor afirma: “O peculiar desta ideologia foi transformar o discriminado em agente reprodutor do discurso discriminatório, colocando o negro a serviço de uma prática” (op.cit, pp.580-581.). Por fim, ele justifica essa legitimação como mecanismo psicossocial utilizado pelos afrobrasileiros para se sentirem menos inferiorizados diante da postura superior dos brancos europeizados.

É evidente que ainda hoje essa tentativa de assimilação dos padrões culturais brancos, principalmente europeus, perpetua. Isso é mais facilmente perceptível no quesito padrão de beleza universal. Há uma busca incessante pela aproximação da estética padrão européia a tal ponto que gera uma ruptura profunda com a imagem do “eu verdadeiro”, inferiorizando-o e submetendo-o a transformações, muitas vezes, agressivas. Tais transformações buscam ocultar ou, em alguns casos, apagar os traços diacríticos<sup>2</sup> do ser negro. Não obstante, há também o movimento que vai de encontro a essa tendência, porquanto busca afirmar radicalmente a afrodescendência, valorizando

---

<sup>1</sup> Kabengele Munanga (1999), Joasé Bernardino (2002), Petrônio José Domingues (2002), Maria da Consolação André (2007).

<sup>2</sup> Sinais que um grupo escolhe para se diferenciar de outros grupos. Só o grupo étnico em questão é capaz de delinear esses sinais e estes variam de acordo com o contexto ao está inserido. Tais sinais são instrumentos para o processo de afirmação étnica, de construção da identidade (CUNHA, 1986).



as tradições de matriz africana e manifestando-as de forma incisiva através da estética (essas são vistas no dia-a-dia dos salões de estética étnicos, na família negra, expressas pelos *dreads* e tranças usadas como demonstração da modernidade africana), da musicalidade (hip-hop, funk, samba, congo), dança (capoeira, maculelê, hip-hop, black e funk music) entre outras formas.

O abandono da assimilação, a busca pela libertação do negro através da conquista de sua alteridade, a recusa da cultura européia, o confronto frente a dominação do colonizador, a recusa e a luta contra os preconceitos e estereótipos, a busca pela identidade negra africana, a busca pela *(re)conhecimento* do seu passado ancestral com o objetivo de revitalizar a realidade africana, a tomada da “consciência negra” são as pautas levantadas pelos grupos e movimentos sociais negros no mundo até a década de 1950. Nessa época, “a negritude nasce de um sentimento de frustração dos intelectuais negros por não terem encontrado no humanismo ocidental todas as dimensões de sua personalidade. Nesse sentido, ela é uma reação, uma defesa do perfil cultural negro” (MUNANGA, 1986, p.56).

Há, igualmente, a busca de uma unidade que para alguns intelectuais deve ser geográfica, histórica e cultural, enquanto para outros seria somente histórica e psicológica, pois não seria razoável unir artificialmente povos diferentes culturalmente que possuíam motivações e aspirações diversas ou opostas. Desta forma, cada negro deveria buscar sua negritude de acordo com sua especificidade social, econômica, política e racial. Contudo, a definição de solidariedade *césairiana* deveria ser o denominador comum na busca pela unidade. A solidariedade é “o sentimento que nos liga secretamente a todos os irmãos negros do mundo, que nos leva a ajudá-los, a preservar a identidade comum” (op.cit, p.51).

Entretanto, a negritude enquanto movimento político pela alteração das bases estruturantes da sociedade não obteve resultados abrangentes nessa época.

No Brasil, somente na década de 1980 é que essa foi retomada com ânimo pelo movimento negro organizado através do Movimento Negro Unificado (MNU). Tal movimento é consolidado após a ditadura militar com a redemocratização do país, junto a diversos outros movimentos de reivindicação da liberdade e de organização dos segmentos sociais.

Assim, é interessante salientar o resgate da idéia de negritude no contexto atual. Esta buscou algumas características do movimento de outrora, mas também criou e ressignificou sua simbologia.

O resgate do legado africano no Brasil se deu através da exposição da resistência negra que marca a construção histórica e cultural da sociedade brasileira. Destacam-se as diversas reações a violência sofrida pelos negros escravizados, através inicialmente do aborto, do suicídio, na violência com seus senhores, as sabotagens nas plantações, as formações de guerrilhas, as insurreições urbanas, e posteriormente as fugas e organizações de quilombos. Essas obstinações marcaram e ainda marcam a organização sócio-espacial de alguns lugares e territórios brasileiros, como os remanescentes de quilombos, as “terras de negro” e, de certa forma, as favelas. Além desses traços de resistência da cultura negra, há a música, a religião – sincretismo que aqui surgiu por meio do contato entre os cultos africanos e a religião católica – a comida, a linguagem, os traços étnicos, o vestuário e os costumes que são símbolos culturais negros nacionalizados e cooptados que definem a nossa nacionalidade. Embora os mesmos sejam tratados, de forma geral, pela sociedade com exóticos e folclóricos. Há ainda os diversos movimentos de contestação a posição social periférica do negro na sociedade, tais como a Guarda Negra, a Imprensa Negra Paulista, a Frente Negra, o Teatro Experimental do Negro, o Comitê Democrático Afro-Brasileiro, a Associação Cultural Negra e, por fim, o já citado MNU (RASSI; AMADO; MOLINA, 2004).

A discussão racial hoje está submersa num conteúdo político e social que trouxe a ressignificação dos próprios negros ao longo da nossa história, tal politização

significa resgatar a positividade dessa cultura, a sua beleza, a sua radicalidade e sua presença na constituição da nossa formação cultural [...] o que importa aqui é destacar que a produção cultural oriunda dos africanos escravizados no Brasil e ainda presente nos seus descendentes tem uma efetividade na construção identitária dos sujeitos socialmente classificados como negros (GOMES, 2003, p. 6).

Como se vê, muitos dos pressupostos adotados pelo antigo movimento da negritude ainda permanece nos dias de hoje, bem como a busca pela originalidade, ou seja, o resgate cultural dos antepassados, a busca por uma unidade através da solidariedade entre os movimentos de afirmação cultural e contestação das desigualdades políticas, sociais e econômicas e a busca da construção de uma identidade cultural. Porém, essas idéias concordantes estão assentadas em novas estratégias, uma vez que o contexto sócio-político sofreu grandes transformações.

A procura do reconhecimento, do equilíbrio político-econômico e do respeito à diferença são batalhas travadas agora não só nos discursos político-sociais, nas teorias de alguns intelectuais em interiores de academias, dos movimentos sociais e das comunidades negras. Essas ações estão presentes também em espaços de deliberação política nos municípios, nos estados e a nível nacional. Há nesses espaços a busca de formas legislativas que legitimem os direitos a cidadania, a liberdade e a diferença da população negra brasileira.

É perceptível nos últimos cinquenta anos o avanço da legislação nacional quanto ao tratamento e discussão das questões raciais. As constituições de 1967 e 1969 inauguram efetivamente estas mudanças, pois oficializa a criminalização do preconceito racial. Assim o negro perde a conotação histórica de coisa, objeto, destituído de sua humanidade e passa a adquirir igualdade perante a lei e a segurança desta através da punição contra o preconceito.

No entanto, o grande avanço acontece na constituição de 1988 na qual o Movimento Social Negro, MNU essencialmente, teve oportunidade de dar suas contribuições o que não acontecia anteriormente. Diversos avanços foram alcançados, dentre eles destacam-se: a proteção a raça, o reconhecimento do multiculturalismo nacional, o respeito à pluralidade étnica, preocupação com o sistema educacional não aceitando mais a parcialidade e os preconceitos, entre outros.

Foi na regulamentação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- Lei Nº 9.394 de dezembro de 1996- que houve a prescrição de igualdade e tolerância, notadamente no ambiente escolar. Esta sofreu uma alteração em janeiro de 2003, pela lei Nº 10.639 que tornou obrigatório o estudo da “História e Cultura Afro-brasileira” o que dá um sentido não só de reconhecimento como também de reparação histórica aos descendentes de africanos no Brasil através das vias educacionais.

Apesar dessas grandes conquistas da comunidade negra na legislação,

a não inclusão do negro até os dias de hoje nas camadas da sociedade que têm acesso a educação, saúde e melhor qualidade de vida, demonstram a ineficácia dos textos apresentadas pelos legislativos federal e estaduais (BARAVIERA, 2005, p.22).

Sendo assim, outra possível solução para esse caso são as políticas de ações afirmativas que visam à inclusão e a promoção social dos povos negros, permitindo a

esses a mudança do seu *status quo*. Porém, estas ainda estão em discussão, algumas medidas foram implementadas, tais como a política de cotas nas universidades públicas, mas muitas ainda permanecem ineficientes.

Portanto, a luta histórica da população negra é para sair da margem e dar-se a conhecer como participante real na construção da sociedade mostrando sua contribuição na formação da cultura brasileira e reivindicando para que isso seja visto e valorizado por todos. Para que isso aconteça concretamente, primeiro “o próprio negro, individualmente e/ou coletivamente, deve assumir e reconhece-se como negro, pois só assim será capaz de combater e livrar da identidade negativa imposta pelo branco” (RASSI; AMADO; MOLINA, 2004, p.70).

### **1.3 O lugar: base de produção da formação identitária**

A identidade está intrinsecamente ligada ao lugar, sendo este entendido enquanto base imediata de produção e reprodução da vida. É o espaço passível de ser sentido e apropriado através do corpo. Refere-se ao espaço vivido, reconhecido no seu cotidiano e na história, na memória dos que ali viveram no passado. Os lugares são identificados por suas relações pessoais marcadas por ritmos e símbolos singulares. Portanto, o lugar é concebido através da construção cotidiana da experiência do homem com o espaço geográfico.

Diversos autores apontam que a identidade e a estabilidade são características dos lugares. A primeira refere-se ao seu sentido, proveniente das intenções e experiências intersubjetivas que o torna familiar. Dá-nos o sentimento de pertencimento, enraizamento. A estabilidade, por sua vez, se dá através de uma convivência temporal prolongada, dá uma aparência estável ao que é perceptível. Denota a idéia de memória, história dos antepassados, dos sujeitos que por ali marcaram e construíram o lugar (HOLZER, 1999).

Portanto,

[...] o lugar é o produto das relações humanas, entre o homem e a natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade (CARLOS, 2007, p.116).

Nesse sentido, um bairro pode ser considerado um lugar para aqueles que viveram e continuam vivendo-o cotidianamente, isto é, que apropriaram do seu passado e apropriam do seu presente. Por isso, criam uma relação afetiva, um sentimento de pertencimento àquele lugar, de territorialidade.

O tempo característico do modo de vida das pessoas que ali habitam são expressos pelo uso e pela representação corporal, isto é, “pelas formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo seu uso” (Id., 2007. p. 21).

Desta forma, para Haesbaert (2006) a territorialidade também é um conceito utilizado para enfatizar as questões de ordem simbólico-cultural. Onde ainda nota-se a demarcação do território (culturalizado e socializado) dado pelo uso e não unicamente pela troca, mesmo que isso aconteça de forma sutil. Pode ser percebido do mesmo modo na tradição cultural de seus moradores uma relação de pertencimento a um território o que implica a representação da identidade cultural e não mais a uma questão de fronteira, limites de área.

O lugar visto de *dentro* é marcado pela relação de identidade dos seus habitantes. A memória desse lugar é construída a partir da sua história particular resgatada no passado pelos seus moradores mais antigos e/ou da arquitetura dos velhos monumentos que ainda marcam o espaço, revelando ambos a cultura, a tradição, os hábitos que lhes são próprios.

De maneira análoga Augé (2007) pondera que o lugar tem sentido estrito e simbólico, liga-se a idéia de *espaço antropológico*, que se refere sempre “a um acontecimento (que ocorreu), a um mito (lugar dito), a uma história (lugar histórico)”. Ou seja, os lugares possuem três características básicas: se pretendem identitários, relacionais e históricos.

Este autor traz a tona a relação do espaço com a identidade, afirmando que

[...] o dispositivo espacial é, ao mesmo tempo, o que exprime a identidade do grupo (as origens do grupo são, muitas vezes, diversas, mas é a identidade do lugar que o funda, congrega e une) e o que o grupo deve defender contra as ameaças externas e internas para que a linguagem da identidade conserve seu sentido (AUGÉ, 2007, p.45).

Logo, podemos garantir a existência de uma identidade sócio-territorial que se situa num espaço simbólico, historicamente produzido, ou seja, onde a memória da sua

construção social é resgatada e ao mesmo tempo reestruturada sem cessar. Esta identidade pode ser interpretada como algo “dado”, decorrente de um evento ou processo natural, ou como algo construído, uma auto-atribuição perceptível quando os indivíduos se autodenominam, e por isso se reconhecem, enquanto um grupo singular.

No entanto, o lugar visto do lado de *fora*, isto é, por aqueles que não possuem uma relação de identidade e que não fazem parte da história deste lugar, como por exemplo, os turistas e a indústria turística que se apropriam, muitas vezes, do mesmo, criam uma relação baseada no não-reconhecimento, caracterizando o não-lugar (BORGES; VILLAR; MOURA, 2009, p.5).

O não-lugar é consequência direta das contradições do espaço, da relação dialética valor e uso. O espaço torna-se, então, mercadoria da indústria do turismo. Sendo assim a paisagem é um “produto” que recebe valor de troca, pois foram apropriadas privativamente “enquanto áreas de lazer para quem pode fazer uso delas” (CARLOS, 2007, p.108), servindo como um refúgio para quem vive nas cidades. Contudo, esse lugar não se torna somente um objeto moldado pelas relações econômicas, uma vez que o capitalismo reproduz novos valores, cultura e comportamentos, transformando assim, o sentimento de lugar em um espetáculo. Conseqüentemente, as relações sociais entre os sujeitos estranhos e desses com os moradores “nativos” se tornam artificiais.

O turista se torna espectador passivo, reproduz atividades programadas e controladas, se deixa manipular pelo cenário, fascinando-se com o espaço de ilusão, abrindo caminho para a própria alienação.

Ainda pode-se afirmar que a relação entre o homem e o lugar é a da identidade, posto que é o espaço onde emerge a vida, onde cada indivíduo se reconhece num espaço concreto, usufruindo-o e modificando-o, estabelecendo usos e sentidos.

Sendo assim, os lugares dizem respeito a seu dia-a-dia, aos modos de vida dos seus habitantes que se apropriam e dão significados aos espaços que experienciam com base em seu uso, uma vez que o lugar é o

[...] receptáculo que abarca o espaço que contém as experiências dos sujeitos, é impregnado de histórias, de signos e símbolos. [...] Ao citar a palavra lugar, as primeiras impressões que nos aparecem são imagens, essas, levam as pessoas sempre a uma imagem guardada na memória. [...] O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade concreta a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhes dão significados (LIMA; KOZEL, 2009, p.210).

Então o lugar é o espaço concreto onde é permitido perceber a ancestralidade das marcas culturais, as tradições de um povo que se transformam em saberes acumulados e transferidos no dia-a-dia nas relações sociais, além de dar a possibilidade de compreender as transformações e ressignificações das identidades culturais.

## **CAPÍTULO 2- Os caminhos da pesquisa**

### **2.1 Os sujeitos**

A população dessa pesquisa são os membros da comunidade de Lavras Novas, distrito de Ouro Preto–MG. Seria interessante interrogar todos os membros dessa população, porém como existem muitas pessoas, aproximadamente 1.200 moradores, foi necessário trabalhar apenas com uma parte desses sujeitos, ou seja, uma amostra dessa população. Isso se deu em função a dificuldade de fazer entrevistas com tantas pessoas, uma vez que é uma técnica que exige muito tempo, por se tratar nesse caso em uma conversa direcionada.

Nesse sentido, foi preciso uma amostra não-representativa, isto é, não probabilística dessa população para se chegar a conclusões que se apliquem a seu conjunto. Para tanto, usou-se a metodologia “bola de neve” na qual um informante vai levando a outro por indicação, repetindo o processo até que o pesquisador se deu por satisfeito quanto ao número de sujeitos da pesquisa e de informações coletadas. Essa metodologia foi escolhida em função de ser difícil a identificação os entrevistados em potencial (REA; PARKER, 2000).

Foram entrevistadas onze pessoas, dentre elas seis mulheres e cinco homens. Três eram jovens de 21 a 30 anos, uma de meia idade de 31 a 60 anos e as outras sete fazem parte da faixa etária maior de 61 anos. Entre os homens mais velhos, quase todos são aposentados, mas poucos possuem essa renda como a única fonte econômica da família. Entre as mulheres a maior parte exerce a atividade de dona de casa e algumas possuem aposentadoria como fonte de renda familiar.

Deste modo, essa é uma pesquisa descritiva e explicativa do ponto de vista de seus objetivos, já que tem um propósito duplo. Por um lado, tenta chegar a uma compreensão abrangente do grupo em estudo quanto as representações do lugar e sua relação com a identidade cultural. Por outro, tenta também identificar as regularidades do processo e estruturas sociais através do estudo de caso (BONOMA, 1985 apud FIÚZA, 2008).

### **2.2 O lugar**

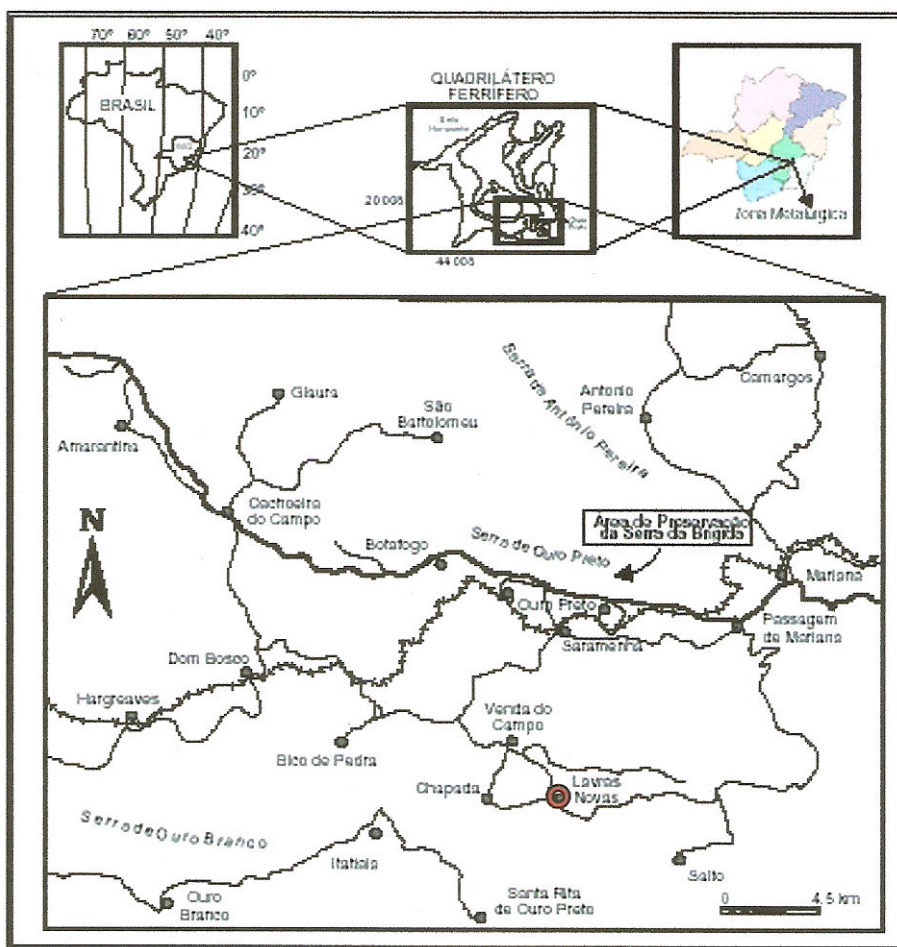
Lavras Novas se encontra no município de Ouro Preto-MG que está localizada na macrorregião “Metalúrgica e Campo das Vertentes”. Situa-se na Serra do Espinhaço, cadeia montanhosa que se desdobra pelos estados de Minas Gerais a Bahia. O



Espinhaço denomina-se fisiograficamente um planalto que constitui em um divisor hidrográfico entre as bacias do centro-leste brasileiro e a do São Francisco.

O município de Ouro Preto faz parte da zona denominada “Quadrilátero Ferrífero” onde possui uma grande quantidade de minério de ferro itabirítico e hematítico de alto teor, isto é, possuem alta concentração de hematita, são, portanto muito valorizados pela indústria metalúrgica, pois rende maior extração de ferro puro por tonelada de minério.

FIGURA 1: Localização Geográfica de Lavras Novas no município de Ouro Preto-MG, Brasil.



Fonte: FONSECA et al. (2001) adaptado apud ALMASSY JÚNIOR, 2004, p.28.

Lavras Novas situa-se a aproximadamente 117 km de Belo Horizonte e a 17 km de Ouro Preto, situando-se na porção sul deste. Sua localização é determinada pelas coordenadas geográficas  $20^{\circ} 28' 29''$  S e  $46^{\circ} 41' 39''$  W, possui altitude máxima de 1.300 metros na “Serra do Trovão” e mínima de 1.200 metros na margem da “Represa do Custódio”. Seu clima é tropical de altitude com médias que variam entre  $14^{\circ}\text{C}$

(mínima) e 22°C (máxima). Há a predominância de vegetação herbáceo-arbustiva determinada pela transição entre os biomas Mata Atlântica e Cerrado, e a ocorrência fisionômica de “campo rupestre”, vegetação originada pela ocorrência de altitudes elevadas, solos rasos e afloramentos rochosos (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE OURO PRETO apud ALMASSY JÚNIOR, 2004).

Optou-se por Lavras Novas como localidade da investigação por se tratar de um lugar com características ideais para tanto, tais como: população composta majoritariamente por negros e afrodescendentes de ancestrais escravos, manutenção de alguns hábitos tradicionais relacionados, principalmente, a cultura popular, e as transformações econômicas e sociais profundas acentuadas pela incursão dos turistas e de empresários vindos de outras localidades para investir na crescente indústria turística.

**FIGURAS 2: Paisagens de Lavras Novas**



**Fonte:** Arquivo pessoal

## **2.3 As metodologias da pesquisa**

### **2.3.1 Pesquisa Bibliográfica**

Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica do material já publicado sobre o tema, tais como livros, artigos, dissertação, tese, documentos publicados por algumas entidades privadas e públicas e materiais disponibilizado na internet com o intuito de enriquecer o estudo com as diversas abordagens sobre os conceitos principais do mesmo.

É importante ressaltar que, em alguns momentos, a utilização de fontes não oficiais fez-se necessária devido à impossibilidade de encontrar informações atualizadas sobre o distrito de Lavras Novas em órgãos de caráter oficial, tais como a prefeitura do município de Ouro Preto e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Assim, muitos dados foram obtidos através das entrevistas e informações do Centro de Informações Turísticas Novas Lavras Turismo.

O estudo de caso foi utilizado como método por onde a pesquisadora começou com hipóteses preliminares, antes de se coletar qualquer dado. Porém, essas foram sendo revisadas à medida que transcorreu a pesquisa, por conseguinte, geraram outras hipóteses, que por falta de dados não puderam ser confirmadas ou refutadas. Essa metodologia facilitou a investigação pelo fato de possibilitar maior flexibilidade a análise de um fenômeno que é amplo e complexo - processo de identificação social - e que não pode ser estudado fora do contexto no qual ele naturalmente ocorre (BONOMA, 1985 apud FIÚZA, 2008). Além de permitir lidar com uma completa variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas e observações (YIN, 1989 apud FIÚZA, 2008 ).

### **2.3.2 Pesquisas de campo: Entrevistas e Observação participante.**

Foram utilizadas as técnicas: entrevista e observação participante distanciada. A primeira consistiu em perguntas semi-estruturadas (Anexo I), pois nesse caso as divagações decorrentes foram importantes fontes para a pesquisa.

No intuito de se fazer uma análise mais detalhada das falas, sem perder dados importantes das mesmas, foi usada durante as conversas um gravador. Para tanto, a pesquisadora apresentou a cada contribuinte da pesquisa um contrato de autorização de pesquisa e divulgação do trabalho científico (Anexo II), que informava os fins da gravação e solicitava a autorização para transcrição parcial ou integral dos relatos e a divulgação da identidade do colaborador na monografia. Feito isso foram executadas as entrevistas com base num roteiro pré-estabelecido.

A observação participante distanciada (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2003 apud FIÚZA, 2008 ) permite observar, de forma mais sutil, o cotidiano dos sujeitos da pesquisa, ou seja, sem se integrar de forma mais profunda (como um etnólogo) a comunidade. Possui a finalidade de obter dados presentes nas falas, nas atitudes, na expressão corporal que possam contribuir para a percepção do objeto da pesquisa, sem, porém, intervir de forma direta nas suas atividades habituais.

Para tanto, o investigador se inseriu no dia-a-dia da comunidade, em momentos em que não se estava fazendo formalmente a investigação (entrevistas), e observou a dinâmica do grupo. Embora tenham ocorrido observações concomitantemente ao processo de entrevistas. A partir daí e das anotações feitas em caderno de campo puderam-se analisar os acontecimentos a luz dos objetos da pesquisa.

Seria utilizada ainda a técnica da construção de mapas mentais. Tal técnica seria realizada através de uma oficina participativa, na qual o público envolvido se dividiria em dois ou três grupos que confeccionariam um mapa do lugar onde moram com os pontos de comércio, moradias, instituições do governo, entidades representativas, instituições religiosas, etc. Posteriormente a esta construção em grupos pequenos, pedir-se-ia que os grupos se reunissem no coletivo para discutirem e contraporem as diferentes percepções em cada mapa. Esse espaço seria relatado e se possivelmente filmado para que não se perdesse elementos fundamentais das discussões importantes para posterior análise. Seria solicitada a ajuda dos próprios sujeitos da pesquisa na interpretação dos seus esquemas gráficos e visuais. Isso porque o uso dessas representações como o mapa mental, o desenho do bairro e de fragmentos desse espaço possuem limites no sentido de que as interpretações feitas são subjetivas, podem ou não representar o real. Além de a codificação não conseguir passar a mensagem em sua totalidade, pois o desenho, isto é, a legibilidade visual é traiçoeira e insidiosa e ao mesmo tempo redundante (LEFEBVRE, 2008). Portanto, tal técnica não foi utilizada por não haver tempo suficiente para reconhecimento dos possíveis contribuintes e para a mobilização dos mesmos de forma que não impactasse de forma contundente a dinâmica social da comunidade e, desse grupo, especificamente.

Foram realizadas duas idas a campo: a primeira, que ocorreu entre os dias 17 e 18 de abril de 2010, para fazer o reconhecimento da comunidade e da entidade “Irmandade Nossa Senhora dos Prazeres”, apresentar a pesquisa para alguns representantes dessas, perceber os possíveis colaboradores na pesquisa e testar o roteiro inicial de entrevistas.

Assim, a partir do contato com um representante da instituição religiosa “Irmandade Nossa Senhora dos Prazeres”, chamada também pelos moradores de Mesa Administrativa, identificada inicialmente na bibliografia pesquisada, foram solicitadas indicações de moradores que poderiam contribuir com a pesquisa. Esse primeiro informante da pesquisa foi o vice-presidente da Mesa Administrativa o Sr. Advânio Lessa, para o qual foi apresentada a carta de intenção da pesquisa e explicado sucintamente seu processo e objetivos.

A segunda ida a campo, na qual ocorreram às entrevistas e a observações, foi realizada no período de quatro dias, entre os dias 04 a 06 de maio de 2010. No momento inicial procurou-se novamente o Sr. Advânio Lessa que proporcionou a realização da primeira entrevista e indicou outras pessoas que poderiam contribuir da mesma forma para essa investigação científica.

Através das indicações sucessivas dos primeiros entrevistados chegamos aos nomes dos potenciais contribuintes para a investigação, porém nem todos os sujeitos indicados puderam ou almejavam contribuir com a mesma. Um dos motivos mais significativos para tais posturas se deve ao fato do distrito há muitos anos ser alvo de investigações científicas por diversos e diferentes pesquisadores e instituições científicas de todo o país. Tais sujeitos e entidades procuram exaustivamente os moradores, principalmente os mais antigos, reconhecidos como lideranças ou representantes da memória do lugar, com a finalidade de coleta de dados. Além dessa procura exaustiva que muitas vezes, como foi relatado por alguns sujeitos, atrapalha a dinâmica cotidiana do lugar e dos seus moradores, não há um retorno para a comunidade dos resultados das pesquisas. O que foi descrito é que a maior parte dos que ali chegam para cumprir seus trabalhos acadêmicos usam da “boa vontade” dos “nativos” para poderem extrair os dados necessários a análise de seu trabalho, e posteriormente “desaparecem” sem dar a contrapartida mínima a comunidade, isto é, apresentar os resultados da investigação científica.

### **2.3.3 Sistematização e análise dos dados.**

Necessariamente houve, de início, a transcrição das entrevistas de forma absoluta, sem modificações das formas e estruturas ortográficas. Organizaram-se ainda as anotações feitas em caderno de campo, para que mais adiante houvesse a análise dos dados obtidos tanto nas entrevistas quanto nas observações, a serem interpretados e

compreendidos sob a luz dos conceitos estabelecidos na revisão de literatura: lugar, identidade cultural, representação do lugar e identidade negra/ negritude.

Foi identificado o que era repetitivo nas falas tanto das entrevistas quanto das conversas rotineiras com os moradores. Observou-se o espaço e as práticas cotidianas dos sujeitos e em seguida procurou-se estabelecer algumas relações entre os símbolos evidentes presentes no espaço com os elementos que remetem a identidade cultural e a étnico-racial (lugares e manifestações culturais) recorrente nos relatos dos moradores do lugar. Posteriormente, esses elementos serviram de base para a inferência e a interpretação, isto é, proporcionou elementos para a reflexão e o confronto entre a discussão teórica (conceitos) e os dados empíricos levantados. Buscou-se ao longo do texto do capítulo de resultados e discussões responder às questões propostas no problema da pesquisa, além de construir análises para compreensão da hipótese pré-estabelecida.

Nesse sentido, a pesquisa abordou o problema de forma qualitativa, pois traduziu as informações coletadas e as análises em interpretações dos fenômenos e atribuição de significados.

## **CAPÍTULO 3- A (re)organização do espaço sócio-cultural e a (re)construção das identidades dos moradores lavrasnovenses.**

### **3.1- A origem, a formação sócio-espacial, as tradições culturais e as recentes modificações no espaço e na cultura de Lavras Novas.**

#### **A origem e a formação sócio-espacial**

Lavras Novas é um dos treze distritos do município de Ouro Preto - MG. Segundo dados do IBGE (2000) este distrito possuía nesta época 771 habitantes, 372 pessoas do sexo feminino e 399 pessoas do sexo masculino, sendo que hoje sua população gira em torno de 1.200 habitantes, segundo informações do Centro de Informações Turísticas Novas Lavras Turismo, em sua maior parte negra e parda.

Os registros históricos indicam que o local hoje correspondente a Lavras Novas recebeu seus primeiros habitantes já no início do século XVIII. O surgimento do lugar está intimamente ligado a descoberta de ouro na região, sobretudo nos domínios de Vila Rica, atual Ouro Preto, e Mariana. A ocorrência de lavras de ouro nestes locais, posteriormente aliado a sinais da diminuição na produção aurífera nos mesmos, incentivou a exploração por novas jazidas, e foi neste bojo que surgiu o povoado que iria dar origem a Lavras Novas. Foram encontradas ali novas lavras do metal precioso, daí o nome, “Lavras Novas”, tornando-se um lugar de passagem para aqueles que buscavam a produção aurífera (SAMPAIO apud VASCONCELLOS, 2006).

O primeiro nome recebido pelo povoado foi o de “Lavras Novas do Coronel Furtado”, em alusão ao “coronel” local que organizou a expedição que veio descobrir as novas jazidas de ouro. Não se sabe com exatidão quando é que se adotou o nome atual, estima-se que tenha sido em meados do século XVIII.

Ainda segundo SAMPAIO apud VASCONCELLOS (2006) a matriz de Nossa Senhora dos Prazeres, um dos pontos turísticos do lugar, já estava erguida em 1740, porém foi inaugurada em 1762, não tendo característica de paróquia, pois era ainda filial. Hoje a capela é filial da paróquia de Antônio Dias em Ouro Preto e o seu “patrimônio” pertence à Cúria Metropolitana de Mariana e é administrada pela Irmandade Nossa Senhora dos Prazeres. Tal “patrimônio” foi formado no século XVIII quando se cobrava “foros” da população que construía moradias em torno da capela, esta taxa era estabelecida anteriormente pelo Arcebispado da Bahia e pós 1745 pelo Bispado de Mariana. Essa instituição tinha como regra que qualquer templo a ser edificado deveria

garantir no mínimo uma renda de 6.000 réis ano para sua preservação e conservação. Lavras Novas ao contrário do que comumente ocorria na época teve primeiro a formação do arraial minerador sendo que depois houve o estabelecimento da capela, que foi formando seu “patrimônio” através das doações, o que indica que o local já estava consolidado como um núcleo populacional. Além disso, tal edificação é um símbolo da religiosidade tão marcante do povo de Lavras Novas, característica que ainda hoje se faz presente dentro dos valores e tradições daquele povo (Id., 2006).

**FIGURA 3: Igreja Nossa Senhora dos Prazeres matriz de Lavras Novas.**



**Fonte:** Arquivo pessoal.

A função da Irmandade Nossa Senhora dos Prazeres foi esclarecida no seguinte trecho:

[...] que existe a famosa fabriqueta, que quê é as fabriqueta? Nomeado na cidade de Lavras Novas entre o povo, como se fosse um povo...o presidente, o vice-presidente, o tesoureiro, o vice-tesoureiro, pra administrar os bens da Irmandade Nossa Senhora dos Prazeres, do povo de Lavras Novas. Isso ficava aqui...aí administra em questão as terras, a bens que vem de casas, a questão a organização de várias coisas que ainda existe... a mais de 50 anos que existe essa Mesa Administrativa, e ela é extremamente fechada, só pode participar quem é nativo...se eu casar com cê, minha fia, cê só vai poder ter direito de opinar daqui a 20 anos, em decisões sobre essa questão...então existe uma organização [...] (Advânio)



Há ainda outra versão para a gênese do lugar, esta narrada pelos moradores mais antigos de Lavras Novas. Apesar de não haver nem um documento histórico no acervo de Ouro Preto que dê respaldo a esta versão, essas pessoas afirmam que na verdade Lavras Novas surgiu de um quilombo que ali existia, e que por isso a maior parte da população é composta por negros. Todavia, a explicação confirmada pela historiadora Tárzia (2002) apud Almassy Júnior (2004) é que com o declínio da produção aurífera por volta dos anos 80 do século XVIII, os senhores que exploravam as lavras começaram a se retirar permanecendo os escravos e mulatos libertos em sua maioria. E assim, o povoado foi formado por escravos negros alforriados e seus descendentes (compunham a mão-de-obra livre) que mantiveram fielmente seus ritos e costumes por quase um século.

Durante o século XIX, vivendo sozinha e isolada, a comunidade de Lavras Novas adquiriu um jeito todo particular de se organizar. Sendo composta por aproximadamente 500 habitantes na época, a maioria parente de consangüinidade. Já que os casamentos aconteciam entre as famílias do local, eles não tinham preocupação com a propriedade da terra, era de consenso que ela pertencia à santa [Nossa Senhora dos Prazeres]. A subsistência também era praticada por todos. Da mesma maneira, todas as festas religiosas ou civis eram compartilhadas por todos os membros. As doenças eram curadas com as ervas locais devido a dificuldade em se conseguir médico e remédio de farmácia. (LAVRAS NOVAS-b, 2009)

Até 1960 a localidade sobreviveu economicamente através do plantio de ervas medicinais, destinadas a produção de chás nas comunidades de Tesoureiro e Manso; do plantio de mudas de eucalipto no distrito de Santa Rita em Ouro Preto; da confecção de artesanato de taquara: balaios, cestas, e esteiras para forro, assim como utensílios domésticos, como: gamelas e colheres de pau; e da extração de madeira para venda como lenha, as chamadas tropas. Com a chegada da empresa mineradora ALCAN, atual NOVELIS, que se instalou no bairro Saramenha<sup>3</sup> em Ouro Preto, a dinâmica social de Lavras Novas se alterou de forma significativa. A mineradora passou a absorver a mão-de-obra dos lavranovenses, no que diz respeito a atividades que não exigiam qualificação, redirecionando assim o foco da economia deste lugar. O presidente, na

---

<sup>3</sup> Bairro de Ouro Preto localizado na entrada da estrada que dá acesso a Lavras Novas.

época, da organização não-governamental “Lavras Viva” relata esta história na tese de doutorado de Almassy Júnior (2004):

Há 50 anos o povo aqui vivia isoladamente e produzia tudo. Era uma comunidade auto-sustentável que as pessoas só precisavam comprar o sal. Aqui se plantava o milho, tinha um moinho de água que eles faziam o fubá. Plantavam inhame, batata doce e mandioca...

Arroz só se comia no natal. O básico era o milho, o inhame, carne de porco ou de galinha ou de boi, que eles sempre criavam. Quando eles matavam um animal maior, com um porco ou boi, eles distribuíaam a carne pra toda a vizinhança. Assim todo mundo comia...

Nessa época o povo ganhava dinheiro com a extração de lenha, que eles tirava do mato aqui e vendiam em Ouro Preto pra comprar o sal e o pano pra fazer roupa. Nessa época também algumas pessoas trabalhavam com artesanato de balaios que eram vendidos em Ouro Preto. (...) As mulheres pegavam a taquara no mato e os homens produziam os balaios, as esteiras pra colocar no forro das casas. (...) Essa atividade continua até hoje só que com menos pessoas atuando.

Um tempo depois veio a ALCAN<sup>4</sup> e muita gente da comunidade foi trabalhar lá. Os homens principalmente. Aí os hábitos foram mudando e as plantações e criações diminuindo. (...) Depois de algum tempo, acho que já na década de 70, a indústria foi se modernizando e colocou máquinas no lugar dos homens. Muita gente foi mandada embora porque só podia fazer o trabalho braçal, não tinha estudo né. (...) Sobrou o artesanato e a própria lenha pra sobreviver. Muitos saíam da comunidade pra caçar emprego em Saramenha e Ouro Preto. As moças trabalhavam de doméstica e assim foi indo até os primeiros turistas chegarem. Aí já no final dos anos 80. (op. cit, p. 37-38)

Os relatos<sup>5</sup> abaixo de alguns moradores de Lavras Novas também corroboram esses dados:

[...] pra mim ganhava dinheiro pra ajudar meu marido, eu tinha que sair daqui muito cedo pra buscar essas taquara que Carlos faz balaio aí...agora que os jovens pega taquara no carro...mas antigamente trazia as donas na cabeça, e era quais três léguas, pra buscar as taquara e a gente ainda ia satisfeita, rezando pra Deus pra dar a gente saúde pra voltar outro dia pra receber quanto? Cinquenta, um real[...] muito pouco, mas a gente ia assim mesmo porque era onde é que tinha pra ganhar muito pouco, porque se nos não fizesse isso...o menino, as vezes, precisava de um a coisa uma roupa uma calçado...os homens só

---

<sup>4</sup> ALCAN Alumínio do Brasil Ltda, indústria localizada em Ouro Preto, foi a primeira a ter o processamento completo de alumínio no país.

<sup>5</sup> Esses relatos são frutos das entrevistas realizadas em pesquisa de campo na comunidade de Lavras Novas no período de 04 a 06 de maio de 2010.

tinha o salário, inda tinha que pagar condução pra trabalhar em Ouro Preto. Então ficava difícil, aí nós largô a trabalhar[...] ( D. Eugênia)

[...] buscava taquara na cabeça, saía daqui cinco horas da manhã pra chegar lá uma e quinze, buscar taquara no Macaco, lá pra baixo lá oh...a pé...caminhava muitas horas...a gente sai cinco horas da manhã e chega duas horas [...] (D. Lourdes)

[...] aqui todo mundo saía pra trabalhar em Ouro Preto, as mulheres, as moças, tudo ia pra Ouro Preto, em Saramenha, hoje em dia não [...] a maior parte fica aqui mesmo, homem e mulher. (D. Leda)

### **Tradições culturais**

Assim como em outros pequenos arraiais, vilas e municípios com características rurais, Lavras Novas mantinha o costume da boa relação com a vizinhança, que em sua maioria era aparentada ou amiga. Conheciam-se todos, por isso e talvez também por causa do isolamento espacial desse lugar, havia uma união muito grande na comunidade, ressaltada pela presença da solidariedade e compartilhamento de bens entre os moradores nascidos no lugar. Os próprios moradores comentam isso:

Naquele tempo os moradores daqui era muito bonito, tinha uma união bonita, era pobre, mas tudo era unido um com o outro, o que um tinha outro também tinha, se o outro não tivesse ele ia na casa do outro e arrumava com o outro, era uma beleza, era uma comunidade feliz...pobre mas feliz, porque o que tinha pra um tinha pra todos, ninguém tinha mais que ninguém. (D. Prosperina)

Os vizinhos eram chegados...o nativo era vizinho, um ia na casa do outro, tomava um café, batia um papo ali até umas dez horas da noite...vizinhança amiga, os antigos era, melhor do que hoje até. (Seu Carlos Maia)

Antes os moradores procurava os outros quando precisa. Eram mais amoroso. Sentava no campo [passeio] e conversava com os vizinhos. Os vizinho ajudava as famílias com mais dificuldade. Agora cada um cuida para si, acabou. (Dona P.A.)

Era hábito comum naquela época as plantações nos quintais para subsistência das famílias, além da manutenção das roças nos terrenos da comunidade - terras do patrimônio da Irmandade Nossa Senhora dos Prazeres - que ficavam situadas um

pouco mais distantes do núcleo urbano do distrito. Tais hábitos são afirmados pelos moradores nos trechos seguintes:

Plantava nos quintais horta...plantava de tudo, verdura, horta de couve. Na parte maior dos quintais plantava feijão, milho, batata doce. Os mais velhos foram morrendo e o povo não foi dando continuidade. Antes tinha fruta nos quintais (Seu Carlos Carvalho).

[...] Os quintais agente tinha aquelas plantaçoão, plantava, porque antigamente os velho gostava de plantaçoão né? Plantava as coisas no quintal [...] plantava tudo, planta só de fruta, figo, goiaba, laranja, abacate, esses trem tudo tinha...e as plantaçoão...plantava batatinha, feijão, couve, essas coisa assim... (D. Prosperina)

Naquela época...antigamente muitas pessoas tinham suas plantaçoões em casa, né? Muitas coisas era colhida na beira da horta... naquele período...diversas plantaçoões de frutas, verduras, diversas plantaçoões nos quintais...plantaçoão de chá também, muito forte na região, é... o milho o feijão, o fubazinho grosso e o feijão que era muito forte naquela época... (Itamar)

Mas D. Efigênia assegura que, mesmo com novas configuraçoões, permanece a tradiçoão de plantar nos quintais: “Os quintal era a mesma coisa igual ta sendo agora [...] num mudou nada não, toda vida a gente teve os quintal e a gente cuida dele [...] eu até hoje eu planto inhame, batata, horta de verdura, couve [...]”

Assim como o hábito das plantaçoões, Lavras Novas até poucos anos atrás ainda possuía de forma bastante conservada a estrutura espacial clássica das comunidades rurais formadas no auge da produção aurífera das Minas Gerais. A arquitetura padrão das casas e a configuraçoão das ruas são destacadas a seguir pelos entrevistados:

As casas aqui, de Lavras Novas antigamente era tudo baixinha, o povo era muito pobre, era construída de madeira, barreada de barro. [...] As ruas também era umas rua tudo esburacada, quando chovia tinha assim aquele barro d'água no meio da rua [...]. (D. Prosperina)

Não, as ruas não eram caçada, era terra e bassoura grossa [...] as casas era de... já era de... alguma tinha janela e portão..e era barreada [...] Era feita de barro e barriada com varinha, aqui oh...vara cipó sambá

[...] eles trançava ele assim oh e marrava, dava um nó numa vara.(D. Lourdes)

As rua aqui pouco tempo aqui também que aqui calçou as rua. A rua não era calçada não, era de chão batido...aqui filha não tinha nem água, agora que nos tem a água pela prefeitura...nos carregava água na cabeça, assim na lata, daí pra lavar as roupa nos lava as roupa nas fonte, tinha que ir com a bacia na cabeça pra lavar a roupa na fonte...graças a Deus hoje tem água...quem tem água tem tudo, num tem? [...] As casas era de pau a pique, barreada com terra, agora não, agora tudo mudou, nos punha janela, vidraça, mudou tudo. (D. Leda)

Então, as casas, eu imagino que as casas era igual essa que a gente ta, to vendo essa estrutura aqui três janelas e uma porta...e as casas era tudo padronizada, né?...tinha uma quantidade de quartos, né? [...] algumas vão ter cancela e outras não, porque naquela época também devido aos animais serem criados solto, aí foi criada a cancela, [...] os burro ficava na frente de casa...enquanto isso era os benefícios da época...eu morava numa de pau e outra de adobe. [...] Porque, por exemplo, antes as casas, antigamente, pintava as casas tudo, pintava as casas com...como é que chama aquela folha? Tabatinga [...] (Itamar)

**FIGURAS 4: Casas com padrão arquitetônico antigo.**



Fonte: [www.lavrasnovas.com.br](http://www.lavrasnovas.com.br)

A grama presente hoje nas calçadas na frente das casas da rua principal é de acordo com Dona P. A., proveniente de Passagem, bairro de Mariana, e foi seu pai o responsável por trazer as sementes e semeá-las nas beiradas da rua.

Hoje são claras as alterações na configuração espacial e no padrão arquitetônico local. Surgiram algumas ruas laterais e perpendiculares à rua principal para construir pousadas e casas de aluguel. Atualmente as casas são construídas voltadas para a paisagem local, de costas para igreja, ao contrário da configuração antiga em que havia predominantemente casas com suas fachadas voltadas para a matriz Nossa Senhora dos Prazeres. Além disso, é perceptível a alteração na arquitetura das casas, pois hoje há construções de alvenaria, uso de cerâmica, construções de dois pavimentos e alterações nas tipologias das janelas e portas. Tal fala confirma essas mudanças: “Por exemplo, as casinhas que eram janelinha, porta, tudo certim, bonito e parará...teve um processo numa época que eles começaram a botar vasculante, entende? Inclusive teve algumas que até botaram dois andar [...]” (Advânio)

### **Modificações no espaço e na cultura do lugar**

Houve grandes mudanças nos hábitos, valores e tradições locais a partir da década de 1970 quando foram introduzidos *sistemas de objetos* (SANTOS, 2008) da modernidade, tais como a energia elétrica e a televisão. A partir daí o contato com Ouro Preto se intensificou, levando um pouco mais tarde o turismo para esta localidade (BORGES; VILLAR; MOURA, 2009, p.5).

Um morador do próprio distrito de Lavras Novas foi quem originalmente fomentou a atividade turística no lugar. Ele iniciou o processo de desenvolvimento do turismo através da comercialização de terrenos e casas no distrito, que num momento posterior foram vendidos para famílias de outras cidades, sobretudo Belo Horizonte.

Porém, o relato de Seu Carlos Carvalho nos remete a outro lado da história, segundo ele, a Mesa Administrativa começou a fazer o loteamento das terras da comunidade e vender inicialmente para o povo do próprio distrito, sendo que o preço era dado de acordo com as posses de cada indivíduo. Tal ação foi adotada para gerar renda para a igreja, cobrir os custos com as festas religiosas tradicionais e com a manutenção e preservação da capela Nossa Senhora dos Prazeres. Com o passar do tempo, a partir da mudança da direção da Mesa, iniciou-se a venda de lotes para as pessoas que vinham de fora. De acordo com Seu Carlos a maior parte das pousadas que

existem hoje foram construídas por empresários não nativos. “Daí o lugar foi tendo mais movimento e gerou mais desenvolvimento para toda comunidade.”

A atividade turística hoje contribui de forma determinante para a renda das famílias que ali vivem, sendo esta a principal atividade econômica. Muitos lavrasnovenses ainda exercem outras atividades, contudo, invariavelmente estas se encontram de alguma forma ligada, ou estimulada pelo turismo, um exemplo é o artesanato de taquara, agora confeccionado principalmente para ser vendido aos turistas (BORGES; VILLAR; MOURA, 2009, p.5).

Em meados da década de 1990, o turismo em Lavras Novas começou a crescer substancialmente. A instalação de bares, pousadas, residências luxuosas, e outras “materializações” no espaço, se manifestam como reflexo disto (BORGES; VILLAR; MOURA, 2009, p.5). O distrito foi reconhecido nacionalmente, não só pelas belezas naturais, mas também pelas festas religiosas, atraindo turistas de várias partes do país (GOMES et al., 2003). Novamente, o depoimento do presidente, em 2003, da ONG “Lavras Viva”, corrobora esses fatos:

Eles [os turistas] vinham das cidades, principalmente de Belo Horizonte atrás de sossego, de um lugar diferente, frio. No início nós nativos ficamos desconfiados, mas depois foi havendo um maior entrosamento assim com o turista. (...) Até hoje o pessoal mais velho tem mais dificuldade de entrar em contato com o povo de fora, o povo mais novo que e tem mais facilidade... (...) Daí o povo aqui começou a mexer com o turismo. Primeiro dentro de suas próprias casas, depois construindo casinhas no quintal, no lugar das hortas. Até que num certo ponto eles se encantaram com o dinheiro e venderam um monte de terra pro pessoal de fora, a preço de banana. Terras grandes. (...) Esse pessoal de fora dizia que queria as terras pra construir casas pra eles, mas depois eles começaram a construir pousadas. Eles viram que aqui ia ser um ponto turístico forte. (...) Isso foi nos anos 90.” (ALMASSY JÚNIOR, 2004, p.38)

O fortalecimento da atividade turística em Lavras Novas e a conseqüente instalação de novos atores sociais naquele lugar vieram trazer inúmeras mudanças à dinâmica social da localidade. Segundo Gomes et al. (2003) o turismo hoje, contribui de forma significativa para a renda das famílias que ali vivem, talvez sendo a principal alternativa econômica para um grande número de seus moradores. Contudo, a autora

aponta uma série de problemas ambientais<sup>6</sup> decorrentes dessa atividade, que foram identificadas a partir de observação *in locus* e em relatos de diferentes atores sociais residentes ou não no distrito, que foram coletados na pesquisa de campo.<sup>7</sup>

As rápidas mudanças sócio-espaciais sofridas na comunidade são expressas no documento do Plano Diretor da ONG “Lavras Viva” (2004) no seguinte trecho:

[...] pode-se afirmar, sem dúvidas, que o povoado de Lavras Novas sofreu um rápido e prolongado processo de exclusão social, a ponto de se permitir uma licença poética: a de que a comunidade lavrasnovense viu-se magicamente transportada do século XIX ao século XXI, sem a obrigatória passagem pelo século XX, ao largo de todas as inúmeras e fantásticas transformações que a ciência e tecnologia proporcionaram ao mundo (ONG LAVRAS VIVA, 2004 apud SILVA, 2006, p.36)

Essas mudanças sofridas no distrito são expressas pela maior parte dos entrevistados como sendo reflexo da incorporação da atividade turística na dinâmica da comunidade, entretanto, a forma como cada morador as enxerga varia de acordo com os interesses e os vínculos dos mesmos com tais atividades.

São apontadas conseqüências negativas e positivas, dentre as primeiras destacou-se: as mudanças na estrutura da família atual, segundo alguns moradores as crianças e jovens não cumprem os papéis que eram atribuídos a eles antigamente, idéia confirmada pela afirmação:

[...] Atrapalhou assim porque as crianças não tem muita vontade, eles num fica querendo fazer nada igual nós fazia, porque antigamente criança assim dos dez, onde anos, não tinha essa moda de ficar na rua, já tinha obrigação de fazer alguma coisa dentro de casa. Hoje não ce fala com as criança pra vir fazer assim, assim ela não faz nada...como é que nos vão viver só de estudo, não pode, há má vontade, eu acho que é má vontade, não obedece direito o que os pais e as mães falam, porque antigamente a gente obedecia [...] (D. Efigênia)

---

<sup>5</sup> Descaracterização do conjunto edificado; poluição sonora; contaminação dos recursos hídricos, pelo esgotamento sanitário; elevado consumo de entorpecentes; choques entre os hábitos da população local e dos visitantes; ocupação desordenada de ambientes; retirada da vegetação para construção de novas edificações causando degradação do solo pelo surgimento de fenômenos de compactação e erosão; poluição do ar pelo trânsito excessivo de veículos e acúmulo de lixo nas vias urbanas. (GOMES et al, 2003).

<sup>6</sup> É preciso esclarecer que quando mencionamos aqui questões relativas ao meio ambiente, estamos utilizando o conceito que não limita o mesmo aos aspectos do meio físico e biótico da natureza, incluímos também o meio antrópico, sejam elementos sociais, econômicos ou culturais.



Apontam-se também transformações nos comportamentos e nos hábitos das pessoas, a falta de respeito às tradições e aos mais velhos, tal como a redução do hábito freqüente de se cumprimentar na rua; o aumento da violência; a perda da tranqüilidade, do sossego do lugar; a desordem e os “maus hábitos” dos turistas também são assinalados pela população local como negativos, pois muitos vêm para bagunçar, usar droga, não respeita o povo da cidade, assim como pode apreender nas falas a seguir: “Vem muita gente boa e muita gente ruim, porque cada um tem suas cabeças, num tem? [...] vem gente de cabeça ruim. Às vezes vêm uns que aluga as casas, já faz muita zueira, já incomoda o vizinho[...]”(D. Leda)

Aqui...aqui é muito bom...era mais melhor do que hoje...a pessoa vivia mais tranqüila porque...não usava, minha filha, era a droga...a droga é a perdição do mundo...aí ta vindo esse pessoal de fora tudo, traz droga pra aqui...pro lugar, aí arruma, junta e fica naquela má idéia...antigamente cê podia deixar sua casa aberta aqui, igual cê ta vendo aí...eu deixar e saí pra poder ir pro mato, pra poder tratar em algum lugar...hoje em dia cê não pode mais, a gente tem que ter o maior cuidado, tem que ficar esperta... cê viu qualquer zueira fora de hora fora de coisa, a gente tem que ficar esperta. (D. Lourdes)

Outra conseqüência indicada como negativa é a contribuição do turista para a aculturação dos “nativos”, assim como expresso nessa fala:

Tem os ponto negativo...a gente pode ta em conjunto com o turista, mas só não deixando a identidade nossa ficar de lado...e ficar tipo assim...se juntando a outra identidade do povo que vem de fora, que é totalmente diferente da nossa daqui...que vive aqui no meio rural, sabe? Num lugar tranqüilo...porque o povo que chega de fora vem por exemplo da capital, vem mais agitado, com outras cultura totalmente diferente, aí a gente tipo assim tem que saber mediar,isso aí... pra não deixar a nossa cultura seja apagada por causa da outra cultura daquela pessoa que vem de fora[...] (Itamar)

Quanto aos benefícios do turismo grande parte dos entrevistados enfatizou a geração de empregos que proporcionou o crescimento e a aceleração do desenvolvimento sócio-econômico do distrito, além da revalorização das tradições e manifestações culturais locais, expresso na seguinte fala:

[...] quando o turista chegou, acaba quê o que acontece?...as cultura do povo, o artesanato, a cultura, ela fica viva, mas só quando, por exemplo, quando turista chega, ela acaba que se...ela valoriza mais, pelo fato de que quando o turista vem,você ... tipo assim...cê tem, cê pode proporcionar ao turista, a demonstrar pra ele essa sua cultura, sabe? Às vezes o turista acaba gerando essa...fomenta essa cultura, né? [...] Aí acaba que...até que...tipo assim, essa cultura, essa cultura ela...ela...revive mais, cê entendeu? Fica mais valorizada...devido as pessoas virem pra cá pra ta conhecendo essa nossa cultura [...] (Leonardo)

E o turista...o ponto positivo aí do turista é que ele vem ele ajuda a conservar, fazer as pessoas nativa a conservar [...] porque o turista ela acaba...comentando...ajudando com a vinda dele...mostra pras pessoa da região que tem que conservar aquilo ali pra ta passando pra frente...pra que outras gerações possam também ta conservando o estilo de casa, o estilo da região [...] (Itamar)

Contudo, a partir do acelerado desenvolvimento turístico a comunidade passou por um processo de inclusão social, na qual é selecionada – pelos visitantes, pelos comerciantes e outros empresários do turismo – como cenário paradisíaco que conseguiu manter as características peculiares das tradições culturais e organização social local. Tal atividade é até hoje a que dá dinâmica ao distrito.

**QUADRO 1: Principais mudanças sócio-espaciais e culturais decorrentes da atividade turística em Lavras Novas.**

<b>Aspectos positivos</b>	<b>Aspectos negativos</b>
Geração de empregos locais	Mudanças na estrutura familiar
Desenvolvimento comercial	Alterações nos hábitos e comportamentos tradicionais
Desenvolvimento sócio-econômico	Perda da tranquilidade
Revalorização da cultura local	Choques culturais entre turista e população local
	Aculturação
	Violência
	Problemas ambientais intensificados

**Fonte:** Dados da pesquisa.

No entanto, ao perguntar aos entrevistados se gostariam que Lavras Novas fosse assim como era antigamente, a grande maioria confessou que talvez em alguns aspectos gostariam, como a tranquilidade, o sossego, o respeito às tradições e aos costumes que

havia antes da chegada do turismo. Todavia quase todos consideraram que esta atividade teve significativa importância para o desenvolvimento econômico do local, sendo hoje quase impossível os habitantes do lugar viverem dignamente sem a mesma, assim como expresso nesses discursos:

Com relação à tranquilidade, ao silêncio, sim. Mas com relação ao desenvolvimento não, porque era um lugar muito pobre e sofria muito para ganhar dinheiro. Antes saía duas horas da manhã pra pegar serviço e voltava às cinco da tarde debaixo de chuva, relâmpago. Havia pouca comida, se tivesse azeda tinha que comer assim mesmo porque não havia outra. (Seu Manuel)

Isso é complicado porque é aquilo que eu falo...antigamente, antigamente as pessoas tinha que ir pra Ouro Preto a cavalo pra comprar...pra comprar os alimento, tudo era em Ouro Preto...hoje a gente com a vida...com a tecnologia, por exemplo, hoje a gente faz compra pela internet, tão eu acho que...é complicado cê querer voltar um pouco ao passado...porque a tecnologia hoje também ela é muito boa. [...] Agente fica assim...sendo como era antes, hoje ia ser um pouco dificultoso a vivencia. (Itamar)

É possível perceber nesse último discurso a conotação anti-naturalista, isto é, contraposição as idéias *tradicionalistas* de retorno as origens através do fechamento ao intercâmbio cultural. O morador acaba pregando uma idéia de multiculturalismo ao afirmar as vantagens tecnológicas incorporadas no lugar e à chegada dos turistas que contribuíram para o desenvolvimento do distrito.

### **Permanências das tradições culturais**

Apesar das mudanças sofridas nas últimas décadas devido à atividade turística, principalmente relacionadas a transformações nos hábitos e costumes locais, Lavras Novas ainda mantém algumas atividades e manifestações culturais que são assinaladas pelos moradores como heranças culturais de seus antepassados, passadas de geração em geração através do aprendizado familiar, dos pais para os filhos, dos avós para os netos, além da observação da dinâmica desses processos no cotidiano. Tais atividades, conhecimentos e manifestações tradicionais são exaltadas com notoriedade e respeito por todos. Dentre as mais citadas estão: a Folia de Reis, a Encomendação das Almas, a Festa do Divino Espírito Santo, também conhecida como festa da Padroeira ou de Nossa

Senhora dos Prazeres, as fogueiras dos Santos, o artesanato de taquara e o uso das chamadas folhas de chá ou ervas medicinais. Assim como pode ser observado nas falas:

Algumas coisa que tinha ainda ta vigorando né? Mas se deixar vai acabar...porque antigamente tinha a Folia de Reis, que ta em pé, o marujo acabou...tem a Folia de Reis, a festa da Padroeira, a Encomendação das Almas[...]. (D. Prosperina)

Sim, tem, tem a taquara que é o balaio que é tradicional daqui que já faz a muitos e muitos anos, a minha família é tradicional de cestaria, eu vim da cestaria por parte da minha mãe. Tem a tropa que ainda acontece aqui [...] Tem a Folia de Reis...porque que que aconteceu? A Folia de Reis deu uma raliada e ficou sem sair um tempo, agora ta voltando de novo, já tem três anos que ta tendo ensaio. [...] E depois do mês de maio tem um outro processo, que eu acho maravilhoso, é um outro ponto cultural que já existiu e que ainda existe, é as fogueiras na frente da porta do Antônio,...do Antonio, do João, todo mundo sai pra tomar café...então elas existem, estão acontecendo, só que elas acontecem na época que deve acontecer, na época certa, entendeu? Tem a coroação, tem...festa de Nossa Senhora dos Prazeres que sempre acontece em julho, a muitos anos acontece, Encomendação das Almas na época de quaresma, tem umas coisas que estão acontecendo [...] (Advânio)

[...] uma coisa também bacana que foi é...vamo dizendo assim restaurada né...foi a Encomendação das Almas... Encomendação das Almas foi uma coisa que ...tradição que se encontra hoje em dia praticamente só aqui em Lavras Novas, muito difícil ta encontrando em outros lugar é a Encomendação das Almas. A Encomendação das Almas é na Semana Santa...antes da sexta-feira santa, na quinta-feira, começando a meia noite,aí é um grupo de pessoas que fazem as rezas, nos pontos e nos locais demarcados pelo povo mais antigo que fazia e que passava essa...que fazia a Encomendação as Almas.(Leonardo)

Então isso vem passando de geração em geração... ce ia olhando ali, os mais jovens olhando os mais velho, e com o tempo...igual a música, música por exemplo, música ia cantando e aquela música não saia da cabeça. Aí com o tempo os menino começaram a pegar uma latinha, bate na latinha pra lá [...] daí foi surgindo outros grupos, desse casamento aí, nesse foco...só de ouvir assim né? daí foi passando de geração em geração. (Itamar)

Foi família por família...eu é que com nove anos ja ia atrás da minha mãe pro mato afora sabe?Aqui na rua so havia isso...aqui os homem trabalhava, cortando lenha pra vender nos moto afora, e as mulher panhava marcela, carregava areia, carregava terra, quebrava milho pros outro...e a gente foi aprendendo...essas coisas [...] (D. Lourdes)

Toda atividade com relação a essas essências elas são ensinadas na infância...o avó cantava pro neto, o avó cantava pro filho dele, filho dele cantava pro neto dele... só assim a questão cultural ela se permanece como fundamento, contado que quem sustenta todas essas questões culturais, na maioria das vezes, com relação ao congado, a Folia de Reis, geralmente é uma família. Que é tradicional que é responsável por aquela responsabilidade e eles não podem deixar morrer, entende?Por que se eles deixarem...eles são o cabeça [...] (Advânio)

“[...] ainda usa as folha de chá, que a gente fala que serve pra uma coisa, serve pra outra.” (D. Leda)

“Tem chá, folha pra doença, chá da horta é melhor que farmácia. O remédio de farmácia faz mal para o estomago.” (Dona P. A.)

**QUADRO 2: Atividades, manifestações culturais e conhecimentos antigos tradicionais de Lavras Novas que ainda permanecem presentes e que não permanecem.**

<b>Atividades, manifestações culturais e conhecimentos</b>	
<b>Permanecem</b>	<b>Não permanecem</b>
Festa da Padroeira Nossa Senhora dos Prazeres	Marujada
Uso das <i>folhas de chá</i>	Ofício na Lapa da Santa
Folia de reis	Baile/ forró dos antigos
Artesanato de taquara	
Fogueiras dos Santos	
Encomendação das almas	
Tropas, lenheiras	

Fonte: Dados da pesquisa

Muitos dos entrevistados ainda se envolvem com algum tipo dessas atividades, porém alguns se afastaram devido ao cansaço, a idade avançada, a falta de tempo por estar hoje desenvolvendo outras atividades e, enfim, por não haver permanecido as tradições antigas de algumas dessas, especialmente a Folia de Reis, que incorporou novos ritmos e cantos, isso é, foi ressignificada pela juventude atuante.

Portanto, Lavras Novas é um lugar em que ainda permanecem muitas tradições antigas, que são lembradas e valorizadas por grande parte de seus habitantes sendo estas

apontadas como de grande relevância para a memória desse povo. Foi constatado que há tal conservação mesmo com as diversas transformações, em alguns aspectos abruptas, sofridas em decorrência da atividade turística nos últimos trinta anos.

### **3.2 Identidades, Identidades negras e a representação do lugar.**

Os moradores de Lavras Novas manifestam a identidade com o lugar que se revelam presentes nas histórias contadas pelos antigos moradores, na memória dos que ali nasceram e foram criados, ou seja, nas experiências dos indivíduos e desses com a comunidade, nos mitos, manifestações culturais e alguns símbolos que permanecem no local.

Diante desse contexto, é interessante ressaltar que para essas pessoas, este lugar é a base imediata de produção e reprodução da vida, visto como, viveram e continuam vivendo-a cotidianamente. Por isso, existe uma relação afetiva, uma identificação, um sentimento de pertencimento àquele lugar, de territorialidade. Tal característica só não foi confirmada na fala de uma moradora que, é notável destacar, não nasceu e nem foi criada ali.

A identificação com o lugar pode ser percebida nos discursos seguintes, quando perguntado se havia identificação com Lavras Novas, com seu povo e se havia vontade de se mudar dali.

Claro, minha terra natal minha filha...eu quase mais vivo aqui, eu sou difícil viajar...[...]...o dia aí que meu marido morreu eu agradei todo mundo, porque aqui veio aí todo mundo...do lugar...faí mesmo lugar igual em Lavras Novas não existe...pra socorrer a pessoa na hora, que for necessário [...] (D. Lourdes)

Adoro morar aqui, nunca saí daqui pra lugar nenhum [...] porque o lugar que a gente mora a gente tem que tá sempre ali com o povo do lugar da gente [...] pra mim não tem melhor lugar que seja aqui não...Acostumei, tendo essa idade criei, nasci, criei aqui com tudo, anda tive meus filhos tudo criado aqui[...] (D. Prosperina)

Esse aqui é meu lugar...eu posso às vezes morar um tempo em algum outro lugar e mesmo o resto da minha vida em outro lugar, mas aqui é meu lugar...eu consigo viver...aqui é meu lugar... onde eu estou em paz...não quer dizer que outros lugares tiram a minha paz, não, entende... meu canto, eu gosto de acordar e sentir esse cheiro,eu gosto de acordar e todo mundo feliz dando bom dia, entende? Então assim...é bom demais [...] (Advânio)

Eu me identifico uai...nossa senhora, povo gente boa. Povo gente boa, todo mundo conhece todo mundo...todo mundo é parente...um é primo do outro, outro é irmão, outro é primo...então todo mundo aqui é de bem com o outro, todo mundo quer todo mundo bem, como se fosse uma família

[...] De jeito nenhum...dá vontade de mudar desse lugar aqui não...ce eu mudar desse lugar aqui minha história acaba...porque ce sair dum lugar desse, onde tem nossas gerações, os nossos antepassados que foi do quilombo...quantos anos Lavras Novas tem? Então se eu mudar daqui eu acho que a história da região ia perder um pouco. (Itamar)

Fica evidente nessas falas a identificação positiva que os habitantes têm com esse lugar, expressa na exaltação das tradições culturais peculiares e no orgulho de se viver nesse espaço.

Nota-se ainda na última fala a afirmação não só de uma identidade com o lugar, mas também uma identidade ligada às origens afrodescendentes do povo lavrasnovense. Porém tal postura só pôde ser confirmada no depoimento desse morador, pois este foi o único a se declarar negro e, ao mesmo tempo, confirmar essa herança étnico-racial, até mesmo apontando-a com orgulho e respeito, ou seja, considerando-a positiva. O que é compreendido na fala:

Eu sou negro, porque a gente é descendente de negro...então a gente é negro, tem toda essa ...a gente vem dessa etnia...vem do avó, vem dos pais, toda essa geração, nossos antepassados.

[...] Tenho o maior orgulho né? Tem que ter orgulho de ter pessoas que trabalharam, por exemplo, muitas pessoas que são lembradas até hoje aqui em Lavras Novas, como por exemplo, o Pedro Rabicó, que trabalhou muito na igreja...Aurélio Ribeiro, Oscar Rocha, Rita Rocha, Dona Manuela são pessoas que a gente tem orgulho, que marcaram a região...é um troféu na nossa mão [...] (Itamar)

Quanto aos demais habitantes do lugar são evidentes alguns elementos que remetem a identidade negra, alguns aspectos que ligam a representação do lugar a essa herança, mas nada tão claro quanto à postura destacada acima. Nesse relato é possível identificar, através da citação de alguns nomes de personagens marcantes na memória do lugar, a representação de alguns sujeitos que, por sua vez, fundamentam a representação do lugar. Ainda é notável a relação dessas pessoas

com a afrodescendência, pois são reconhecidas, de forma geral, pela comunidade lavrasnovense como descendentes dos cativos que viveram no lugar.

Os relatos abaixo ilustram o reconhecimento e o não reconhecimento da herança negra na construção histórica familiar de cada sujeito ou do conjunto dos habitantes do lugar:

De qualquer maneira é né? dos antigos...sempre a gente tem aquela raizinha dos descendente... As vezes é né? [*descendente dos negros*] Não lembro[...] antigamente...porque hoje que vem essas entrevista a gente fica na duvida de falar porque antigamente eles num falava é nada, não contava nada do lugar[...] (D. Prosperina)

Deve ser [*descendente dos negros*]...vô, bisavô, tataravô, e por aí vai...porque é nascido aqui [...] deve de ser né? Porque é tudo nativo, nativo do lugar [...] Importante eu não sei se é [*a herança negra*], mas se tiver de ser é...então fazer o quê?(Seu Carlos Maia)

A senhora me falou que aqui foi um quilombo antes, né? (*pesquisadora*)  
É...eles fala que foi...um quilombo...(D. Lourdes)  
E o pessoal daqui da cidade é descendente do quilombo? (*pesquisadora*)  
Não, as donas já morreu...deu nome aqui no lugar...depois ...aqui era município, agora é distrito...aí já tomou mais acessibilidade. (D. Lourdes)

“[...] Eles falaram que quem fundou aqui foram os escravos né? [...] não sou descendente deles não”. (D. Leda)

Acho que não, acho que eu não sou não. Os meus avós era, era tudo de uma família só, era descendente dos negros, aqui é quase um família só, aqui em Lavras Novas nós é tudo de uma família só, tem muito parente.  
[...] Eu considero assim uma herança boa, porque uma família só considera todo mundo quase igual, tudo igual [...] eu considero isso tudo muito bom [*a herança negra*], eles foi embora mais deixou coisa boa aí...deixou, o pessoal mais velho que tem aí, deixou amor, muita dignidade pra nós e esperança de alguma coisa. (D. Efigênia)

A maior parte dos entrevistados não se reconhece enquanto negros, mas se afirmam pardos. Porém negam em sua maioria a herança familiar negra, ou seja,



negam-se enquanto afrodescendentes, não havendo igualmente uma identidade negra. É possível inferir que isso acontece devido ao fato do negro, principalmente o que foi escravo, estar carregado de uma herança negativa originada pela sua história – a mais conhecida e ressaltada na sociedade – de sofrimentos, de violência e opressões. O que cria uma imagem do mesmo desconfigurada, descaracterizada, já que a história e cultura desse povo também possuem outros aspectos que são positivos. Tal postura pode ser confirmado pelo diálogo a seguir:

*A senhora acha que o povo daqui é descendente do povo negro?*  
(pesquisadora)

- É principalmente da época dos escravos [...] (D. Maria)

*E a senhora acha que o povo valoriza isso?* (pesquisadora)

- Não, porque eles não quer ser escravo, porque a vida deles era muito sofrida... (D. Maria)

A identidade com o lugar pode ser observada nas falas através de elementos como os mitos, as manifestações culturais e alguns símbolos que permanecem no local. Alguns desses elementos remetem também à identidade negra, mas não são afirmados diretamente nas entrevistas. Alguns poucos moradores antigos possuem a memória da condição escrava que teve seus antepassados. Todavia os que ainda rememoram tal fato, afirmam que Lavras Novas foi um quilombo, lugar de fuga e esconderijo para os escravos da região aurífera e que os mesmos foram responsáveis pela construção e povoamento do lugar. Por isso, alguns desses elementos são interpretados pela pesquisadora como marcas afrodescendentes, uma vez que escutou em conversas informais no desenvolvimento da pesquisa, a ligação dos mesmos com os negros que fizeram parte do processo de ocupação do distrito.

Além disso, o referencial teórico dá embasamento para tal interpretação, já que se sabe que a marujada, uma variação do congado, é caracterizada por uma manifestação popular sincrética, resultado da religiosidade afrobrasileira com a religião católica de matriz européia. O termo congado é definido de acordo com Roberto (2000) apud Souza (2009) como cortejos de negros escravos que reverenciavam santos católicos, em festas, rituais e cerimônias de coroação de Reis e Rainhas do Congo. Versa um ciclo anual de homenagens a Nossa Senhora do Rosário e envolve o levantamento de mastros, cortejos, procissões, tradição de coroação de reis e rainhas, cantos, batuques e danças. Sendo símbolos culturais negros nacionalizados, encenam através das danças, cantos e

celebrações a travessia dos negros da África para as Américas, fazendo alusões ao continente africano e ao processo de abolição da escravatura no Brasil, ritualizando suas memórias em narrativas poéticas e mitológicas (SOUZA, 2009).

### **Representações de lugares**

São destacados alguns elementos que remetem aos antepassados do lugar e/ou que são importantes para manutenção da cultura e memória do povo de Lavras Novas. Quanto aos elementos concretos ainda presentes no espaço, destacam-se a Igreja Nossa Senhora dos Prazeres, a “Lapa da Santa”, a Pedra do S, a Serra do Buieie, a Casa da Dedela, a Gruta da Alzira, as casas com arquitetura original e o grupo escolar. Com relação às manifestações culturais que ainda acontecem pode-se ressaltar a Encomendação das Almas e a festa da Padroeira Nossa Senhora dos Prazeres. No entanto, existiram manifestações culturais que simbolizavam a cultura do lugar, mas que hoje por variados motivos, não se fazem mais presentes na tradição lavrasnovense, tais como: a marujada e o ofício na “Lapa da Santa”. Alguns relatos evidenciam esses elementos:

[...] tem a escolinha Dedela lá em baixo né?[...] aquele lugar ali é bom, ali tem muita coisa que é de Lavras Novas, que teve uma dona que veio aqui pra Lavras Novas, e tem muitos anos que ela mora aí, então ela fez muita pesquisa com o povo daqui...a Suzana. (D. Efigênia)

Seu Carlos Carvalho também aponta a casa a Casa da Dedela como um lugar importante para a cultura e memória de Lavras Novas. Pois, segundo ele, este é um lugar que busca a história antiga da comunidade, tem a capacidade de guardar a memória através das apresentações culturais, teatro, música, dança.

A igreja, nós temos uma igreja aqui na região que foi ser inaugurada por volta de 9 de outubro de 1762, que é bem bacana. Tem a Pedra do S, que ta no início da igreja, que conta a lenda do S, dum segredo. Tem uma serra, a Serra Buieie que é onde agente avista várias outras serras, varias localidades que é onde a gente vê a comunidade, boa parte da comunidade, né? Então são vários lugares bacanas aqui na região, vários lugares interessante, importante, aqui na região...(Itamar)

Antigamente, igual às senhoras aqui da região, elas iam rezar lá na Lapa da Santa, hoje não tem essa reza mais, existe a Lapa lá, mas não tem essa tradição que tinha antigamente, as pessoas iam lá fazer suas orações...então lá é um lugar importante porque hoje não tem essas rezas mais igual tinha antigamente...porque lá que apareceu Nossa senhora [...] é um marco importante pra Lavras Novas.(Itamar)

“O grupo escolar também lembra o passado, antes o papel era sem pauta, tinha que picar papel, costurar e fazer o caderno, o povo tinha que aprender mesmo, tinha provas orais, ou sabe ou não sabe”. (Seu Manoel)

**QUADRO 3: Principais lugares e manifestações culturais que remetem aos antepassados e/ou são importantes para memória de Lavras Novas.**

Lugares e manifestações importantes para memória de Lavras Novas.		
Lugares	Manifestações que permanecem	Manifestações que não permanecem
Igreja Nossa Senhora dos Prazeres	Festa da Padroeira Nossa Senhora dos Prazeres	Marujada
“Lapa da Santa”	Encomendação das Almas	Ofício na “Lapa da Santa”
Pedra do S		
Casa da Dedela		
Casas com arquitetura original		

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Compreende-se igualmente que a Igreja Nossa Senhora dos Prazeres, a Pedra do S e a Gruta da Alzira, além das manifestações como a Marujada e a Encomendação das Almas são elementos de construção afrodescendentes presentes no lugar, visto que muitas pessoas do distrito ainda fazem referência à herança dos antepassados negros em suas construções.

**FIGURA 5: Praça onde está localizada a Pedra do S.**



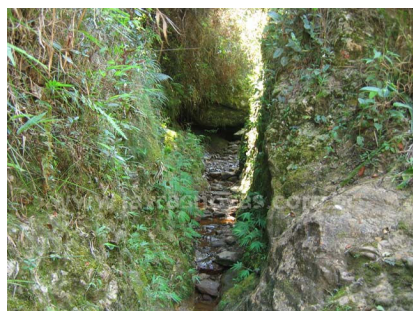
**Fonte:** Arquivo pessoal

**FIGURA 6: Pedra do S.**



**Fonte:** Arquivo pessoal.

**FIGURAS 7: Gruta da Alzira**



**Fonte:** [www.lavrasnovas.com.br](http://www.lavrasnovas.com.br)

As análises e constatações acima permitiram a sustentação da nova hipótese reformulada no decorrer do procedimento científico: algumas representações do lugar e manifestações culturais executadas até hoje pela comunidade lavrasnovense influenciam a construção da identidade com o lugar e da identidade negra.

Entretanto não houve elementos suficientes para afirmar se a identidade negra reconhecida por parte desses moradores interfere ou não na representação do lugar, ou seja, se influencia a construção de uma visão positiva ou negativa da herança cultural negra.

### **3.3 As recentes transformações no lugar e os efeitos na identificação dos moradores com o lugar.**

Lavras Novas como já foi destacado sofreu grandes transformações espaciais, sociais e culturais nos últimos trinta anos quando houve a incorporação da atividade turística na sua dinâmica sócio-econômica.

Nesse momento iniciou-se um processo de concepção do *não-lugar* para os turistas, pois este passou a existir em Lavras Novas, quando as pessoas vindas de outras cidades começaram a comprar terrenos, construírem pousadas e posteriormente explorar o turismo. A partir daí produziram-se objetos (bares, casa de show, restaurantes e lojas) que culminaram em “novas relações, comportamentos, valores e um novo espaço assentado em novas estratégias” (CARLOS, 2007 p.104).

Os turistas levaram seus comportamentos, em geral urbanos, como: o uso de aparelhos de som em volume elevado, festas que varam a madrugada, modos de vestir, de falar, de alimentar e os valores que muitas vezes fogem da tradição do povo de Lavras Novas. Esses turistas vivem a ansiedade do mundo moderno, do mundo fugaz, e não possuem tempo para conhecer, só restando reconhecer, fotografar e depois apagar da “memória”<sup>8</sup> (BORGES; VILLAR; MOURA, 2009). O relato abaixo comprova alguns desses comportamentos dos turistas:

[...] porque o povo que chega de fora vem, por exemplo, da capital, vem mais agitado, com outras cultura totalmente diferente, aí a gente tipo assim tem que saber mediar, isso aí... pra não deixar a nossa cultura seja apagada por causa da outra cultura daquela pessoa que vem de fora[...] (Itamar)

---

<sup>8</sup> Segundo a autora Ana Fani A. Carlos (2007) a indústria do turismo produz espaços sem história, sem identidade, sem sentimento de pertencimento: não-lugares. Além disso, produz também comportamentos e modos de apropriação dos lugares que são determinados através de pacotes turísticos que programam e controlam o uso do espaço pelo turista. Por conseguinte, ao turista é estabelecido “a não-relação, o não-conhecimento, o distanciamento dado pelo olhar orientado e vigiado que predetermina, preconcebe” (p.118). Portanto, o pacote turístico produz a passividade do turista, pois o trata apenas como simples consumidor. O tempo é cronometrado, programado, pois é tempo de consumo, por isso não se conhece os lugares, não produz referências, portanto não há memória.

Obviamente, fica evidente a compreensão do espaço e do tempo vivida pelo turista e, tal vivência é bem distinta da percepção das categorias espaço e tempo de um morador local. Tal questão pode ser elucidada por David Harvey (1992):

[...] podemos afirmar que as concepções do tempo e do espaço são criadas necessariamente através de práticas e processos materiais que servem a reprodução da vida social. Os índios das planícies (...) objetificam qualidades de tempo e de espaço (...) distantes das arraigadas num modo capitalista de produção (Id., 1992, p. 189).

A maior parte dessas alterações no lugar criaram um sentimento de estranhamento para seus moradores tradicionais, pois há uma rápida e contínua transformação do espaço e dos costumes e hábitos tradicionais, iniciada no fim da década de 1980. De tal modo os moradores afirmam que houve uma oscilação de parte dos referenciais que sustentam suas vidas:

Essas mudanças acontecem por que devido a chegada do turista e com...as pessoas locais da região vendo essas mudanças, né? As pessoas mesmo foram mudando também...elas vê...ah uma pessoa vem com um tipo de roupa ...ah gostei daquela roupa...aí vem o outro também coloca outro tipo música...ah gostei daquela música..aí no outro dia todo mundo já começa a escutar aquela música...que no início não ouvi aqui na região, então aí começa a ter essa troca de cultura...né? <sup>9</sup>(Itamar)

[...] Tinha uma santa que apareci lá em baixo, na Lapa...todo domingo a gente ia, a gente ia de noite, ali pras sete hora pra rezar o terço. Eu acho que mexeu lá muito sabe? O pessoal [*as pessoas que vieram de fora*] já foi fazendo casa e acabou as tradição, não tem aquele terço que rezava mais e tinha um sacristão que era muito bão, todo dia ele ia e levava as pessoas lá pra rezar e tudo...aí depois que o sacristão morreu também parou, mudou, as coisa mudou[...] (D. Efigênia)

A comunidade deixou esquecido a “Lapa da Santa” que era um lugar que nós ia rezar quando criança. Hoje o pessoal se entreteu com outras

---

<sup>9</sup> Aqui também é notável um possível processo de hibridização cultural na comunidade lavrasnovense. Tal processo tem ocorrido a partir da troca cultural entre os moradores locais e os turistas que chegam de diferentes regiões. O que tem produzido múltiplas identidades, ou seja, há a identificação com o novo, com os novos valores sociais trazidos de outros lugares, mas busca-se da mesma forma valorização e visualização de tradições locais.

coisas e nem vai mais lá. O povo quis construir uma capela lá para dar continuidade a solenidade, mas não construiu.(Seu Carlos Carvalho)

Não já formou muito, aqui não tinha luxo com nada não, hoje ce vê as casa tudo chique, muito bem arrumada, aqui tem casa mais arrumada que gente da cidade, muito mais...nos não conhecia essas coisas que ce ta vendo aí nas casa não oh...era tudo igual eu to falando com oce, de pau amarrado, pau-a-pique na vara, ce via o cipó assim oh, daí barreava com a mão, massava o barro vermelho, barreava com a mão, depois que vinha fazendo o reboque...calhava a casa não era com cal era com tapatinga, ce pode por aí...nos calhava com tapatinga...é uai...hoje em dia é base d'água...como que já mudou, nem cal nos tem mais, já tão querendo é de base água. (D. Lourdes)

[...] entrou aqui oh...cê vê Jonas Bloch...é um homem de quê?...artista...agora tem lá que cê vai achar lá no alto do campo um mais simples que é o Galo Branco, que ele chama Julinho que é filho de um dentista mais pobre...mas é tudo gente graduado...que faz novela, faz as outras coisas, então já ta entrando isso aqui se nós não dê uma reforma nas nossas casas nos fecha nos não ganhamos nada, entendeu agora? (D. Lourdes)

Nesse sentido, podemos relacionar Lavras Novas ao conceito de espaço funcional-instrumental discutido por Lefévre (2008), que foi (re)construído para facilitar as relações de produção, isto é, a reprodução da força de trabalho pelo consumo, instigado pela indústria turística. Muito mais que espaço funcional, este é um espaço da produção que é ao mesmo tempo abstrato e concreto, fragmentado e homogêneo, ligado à reprodução da vida e dos meios de produção através da cotidianidade, dos lazeres, da cultura, ou seja, do espaço como um todo, é, isso sim, o espaço da reprodução das relações de produção (BORGES; VILLAR; MOURA, 2009, p.6).

Segundo LEFÉVRE (2008) os lugares de lazeres são dissociados da produção aparentando, assim, espaços independentes do trabalho e livres. Porém, estão intimamente

[...] ligados aos setores do trabalho no consumo organizado, no consumo dominado. Esses espaços separados da produção, como se fosse possível aí ignorar o trabalho produtivo são os lugares da recuperação. Tais lugares, aos quais se procura dar um ar de liberdade e de festa, que se povoa de signos que não tem a produção e o trabalho por significados, encontram-se precisamente ligados ao trabalho produtivo (op. cit, p.50).

Dáí fica claro a relação dialética entre fragmentação e homogeneização do espaço, uma vez que ocorre a primeira quando se substitui o valor de uso pelo valor de troca, ou seja, o espaço torna-se mercadoria que pode ser trocado na forma de propriedades privadas. Já o segundo se dá pela (re)organização do poder e ocupação global (BORGES; VILLAR; MOURA, 2009, p.7).

As relações sociais em Lavras Novas vão ser ressignificadas. Há uma *compressão espaço/tempo* (HARVEY, 1992). Isto é, o tempo que era “lento”, característico do modo de vida das pessoas que ali habitavam, se altera na perspectiva do aumento rápido da (re)produção social, gerando a aniquilação de espaços que marcam a história de seu povo - as modificações na arquitetura tradicional das casas e na configuração espacial das ruas e quintais - e de manifestações tradicionais - ofício na “Lapa da Santa”- redefinindo a dinâmica dos lugares ou mesmo criando outros (BORGES; VILLAR; MOURA, 2009). Tais alterações espaciais são confirmadas no trabalho de Sampaio (2006) nos seguintes trechos:

De um modo geral na rua principal foram alterados o tipo das coberturas que passaram a empregar telhas industrializadas e no desenho tipo “duas águas”, ao contrário do desenho tradicional tipo “quatro águas” e com telha artesanal de coxa. Algumas casas passaram a ter dois pavimentos, ao contrário das casas originais de apenas um pavimento e, algumas fachadas passaram a apresentar revestimentos de cerâmica, ao contrário das caiações nas alvenarias, além de alterações nas tipologias das janelas de madeira, substituídas por janelas de metal e tipo basculante.

Verificam-se ainda algumas construções mais recentes localizadas nas ruas laterais que apresentam padrão de alto luxo, de propriedade de um público mais refinado proveniente de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. O turismo introduziu algumas mudanças de infraestrutura local como o calçamento das ruas que antes eram de terra batida e ressurgiu no povoado, de forma positiva, a produção de balaios e luminárias de cipó, comercializadas entre os visitantes. (SAMPAIO, 2006, p. 7).

Esse trecho ao mesmo tempo em que corrobora a idéia de transformação da relação da população de Lavras Novas com o seu artesanato tradicional (confeccionado com taquara), também omite as conseqüências negativas na transmissão desses conhecimentos, visto que antes esta era uma das principais atividades econômicas e



culturais das famílias que ali vivem, sendo que a maior parte das crianças aprendia esta arte desde novas. Porém, quando o turismo mercantilizou esse lugar essa tradição foi se perdendo, pois as pessoas começaram a ter outras ocupações, principalmente nas redes de pousadas. Isso tem inviabilizado a transmissão desse conhecimento para as novas gerações, assim como era feito pelos seus antepassados durante séculos, pois já não há mais tempo para isso. Sendo assim, somente alguns moradores mantêm o hábito de produzir as esteiras e balaies de taquara:

Antes o artesanato era mais forte porque só tinham algumas oportunidades de trabalho na região: a ALCAN, a prefeitura, a universidade, a tropa que levava lenha e madeira para construções pra vender em Ouro Preto, e os que não trabalhavam com isso faziam balaies, esteiras. Os balaieiros moravam perto e faziam seus trabalhos no gramado da rua. Os mais velhos foram morrendo e poucos deram continuidade com o artesanato de taquara. (Seu Carlos Carvalho)<sup>10</sup>

O artesanato acaba perdendo ou pouco da identidade, porque vem várias lojas, né? de outros locais sendo vendido aqui na região...então o artesão hoje, ele tem essa dificuldade de tá passando os produtos hoje aqui pra frente, né? Então perde ou pouco a identidade também. (Itamar)

Portanto, é perceptível que o desenvolvimento turístico das últimas décadas transformou as relações culturais, sociais e econômicas do distrito. Porém, há de se ressaltar que o sentimento de pertencimento, afeto e identificação com o lugar não se modificou ainda. Essencialmente por aqueles que viveram seu passado e acompanharam o processo de construção da comunidade. É possível que a ressignificação da identificação com o lugar tenha atingido de forma mais acentuada os jovens. Uma vez que esses viveram com pouca intensidade o passado tradicional da comunidade e em seu processo de construção social e pessoal tiveram mais contatos e influências com os indivíduos vindos de outras localidades, com outros hábitos e cultura, comparados com os moradores mais antigos. Mas não há elementos suficientes nessa pesquisa pra

---

<sup>10</sup> É interessante destacar que o Seu Carlos Carvalho é o balaieiro mais antigo da comunidade e um dos únicos que garante sua renda exclusivamente com essa atividade. A transcrição da sua fala não foi reproduzida igual à narrativa original, houve a adaptação ortográfica e estrutural do trecho, já que em sua entrevista não houve o uso de gravador.

confirmar tal hipótese, essencialmente porque se fez poucas entrevistas com a juventude do distrito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho procurou compreender as representações de lugar dos (as) habitantes do distrito de Lavras Novas. Além do mais, aventurou-se procurar compreender de que forma este lugar também auxilia na construção de uma identidade étnico-racial, buscando perceber se havia uma relação das representações desse lugar com a qualificação da negritude dos membros dessa comunidade.

Assim, encontraram-se alguns elementos que representam o lugar podendo ser concretos, fazem parte da formação do espaço - a Igreja Nossa Senhora dos Prazeres, a “Lapa da Santa”, a Pedra do S, a Casa da Dedela, a Gruta da Alzira, as casas com arquitetura original - e ainda não materiais, tais como algumas manifestações culturais que ainda existem: a Encomendação das Almas e a festa da Padroeira Nossa Senhora dos Prazeres.

Houve a identificação de lugares de memória, isto é, porções do espaço importantes para a construção e manutenção histórico-cultural de Lavras Novas e que, além disso, são elementos de construção afrodescendentes presentes no lugar como: a Igreja Nossa Senhora dos Prazeres, a Pedra do S e a Gruta da Alzira. Constatou-se que tais lugares auxiliam na construção de identidades negras, visto que muitas pessoas do distrito ainda fazem referência à herança dos antepassados negros em suas construções.

Fica evidente a manifestação da identidade com o lugar dos lavrasnovenses, fundamentada nas histórias, nos relatos, no afeto e apego com alguns lugares e com as pessoas que fizeram ou fazem parte dele, na exaltação e orgulho das manifestações culturais tradicionais. Tal identificação não sofreu grandes mudanças mesmo com as alterações profundas no espaço e nos hábitos e costumes típicos do povoado inspirados pela introdução e desenvolvimento turístico.

Lavras Novas ainda mantêm algumas atividades e manifestações culturais que são assinaladas pelos moradores como heranças culturais de seus antepassados, passadas de geração em geração através do aprendizado familiar, caso que comprova a importância desses elementos para a continuidade harmônica da comunidade e de sua identificação com o lugar.

Porém, é fato que não há a construção de uma identidade étnica, um sentimento de negritude de forma geral pelos moradores do lugar. Isso pode ser corroborado com alguns dos seguintes indícios encontrados nas falas dos entrevistados: o não reconhecimento da herança negra na construção histórica familiar de cada sujeito ou do

conjunto dos habitantes do lugar; a maioria dos moradores não se reconhecer enquanto negros e possuir uma imagem negativa dessa herança, pois a mesma está ligada a memória da escravidão, fato reconhecido como doloroso na história dos negros brasileiros.

Cabe destacar que a hipótese pré-estabelecida pode ser parcialmente confirmada, isso porque não houve elementos suficientes para afirmar de forma integral se a identidade negra reconhecida por parte desses moradores interfere ou não na representação do lugar, ou seja, se influencia a construção de uma visão positiva ou negativa da herança cultural negra. Tal fato é justificado pela falta de tempo suficiente para apurá-la através de maior número de entrevistas. Até mesmo pelo fato da metodologia “bola de neve”, utilizada para estabelecimento da amostra populacional, não permitir a maior variabilidade de tipos de informantes, ou seja, não permite a seleção de amostras proporcionais de sujeitos de diferentes idades, gênero, classe social, entre outras características. Essa maior variabilidade poderia contribuir para uma coleta de informações mais rica, já que pressupõe que essas características permitem a construção de um olhar distinto sobre a realidade sócio-espacial. Porém, ao longo da análise essa hipótese foi revisada, por conseguinte, gerou uma nova que pode ser corroborada, ou seja, existe uma influência de algumas representações do lugar e das manifestações culturais tradicionais ainda executadas no local na construção das identidades de lugar e étnico-raciais.

É necessário salientar ainda a incessante e persistente atividade de investigação científica corrente nesse lugar, realizada por diversos pesquisadores e instituições de pesquisa das mais variadas origens, o que tem incomodado com certa frequência os moradores de Lavras Novas. Tal incômodo ocorre não só pela grande constância das pesquisas, mas também pelo modo como os pesquisadores abordam as pessoas e como procedem ao final de suas atividades. Há, nesse sentido, a ausência de metodologias que buscam dialogar com os moradores de forma a não hierarquizar posições sociais e saberes, ou seja, há carência de compreensão da dinâmica social da comunidade e de disposição para se realizar uma conversa que priorize a troca de conhecimentos e não só a absorção de dados para produção científica. Além disso, os sujeitos das pesquisas ao contrário do significado dessa denominação são tratados como objetos, posto que são usados como referência na coleta de dados, mas ao final do trabalho nem sequer são informados dos resultados das mesmas. Houve queixas da comunidade quanto a esses

fatos, inclusive repercutindo em reações de indisposição a contribuição com este trabalho (Anexo III).

Finalmente, percebe-se que na trajetória percorrida ficaram para trás elementos importantes, como as possíveis diferenças na identificação com o lugar – ressignificações – entre os moradores mais antigos e o mais jovens, que podem ter ocorrido a partir das transformações turísticas, e como a recente valorização da cultura local pelas instituições fomentadoras do turismo tem contribuído para a ação comunitária na busca por projetos e políticas públicas locais de valorização e construção da memória do lugar. Provavelmente esses elementos não foram percebidos neste trabalho e, por isso, requerem ser debatidos em outros, se possível, junto à comunidade lavrasnovense.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMASSY JÚNIOR, Alexandre Américo. **Análise das características etnobotânicas e etnofarmacológicas de plantas medicinais da comunidade de Lavras Novas, Ouro Preto-MG.** 2004. 132 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520:** informação e documentação: apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro, 2002.

AUGÈ, Marc. O lugar antropológico. In: AUGÈ, Marc. **Não-lugares:** Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 6 ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. pp.43-69.

\_\_\_\_\_. Dos lugares aos não lugares. In: AUGÈ, Marc. **Não-lugares:** Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 6 ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. pp.71-105.

BARAVIERA, Verônica de Carvalho Maia. **A questão racial na legislação brasileira.** Disponível em: [www.senado.gov.br/.../UL\\_TF\\_DL\\_2005\\_Veronica\\_de\\_Carvalho.pdf](http://www.senado.gov.br/.../UL_TF_DL_2005_Veronica_de_Carvalho.pdf). Acesso em: 12 de set. de 2009.

BORGES, João Lucas Mundim; VILLAR, Juliana Padula; MOURA, Natália Faria de. **O turismo como condição para o surgimento de conflitos sócio-ambientais no distrito de Lavras Novas, Ouro Preto, MG.** Artigo apresentado a disciplina GEO 338- Ecologia Política e Produção do Espaço. Universidade Federal de Viçosa. 2009.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: Labur Edições, 2007.

CASTELLS, Manuel. A era da informação: Economia, Sociedade e Cultura. **O poder da Identidade.** Trad. Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2003.v.II.

CORRÊA, Roberto Lobato. Formas Simbólicas e Espaço - Algumas considerações. **Geographia.** Rio de Janeiro. Ano IX, n. 17, pp. 7-18, 2007.

CUNHA, Manuela L. C. Parecer sobre os critérios de identidade étnica. In: CUNHA, Manuela L. C. **Antropologia do Brasil:** mito, história, etnicidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986. PP.113-123.

DOMINGUES, Petrônio José. Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. **Estudos Afro-Asiáticos.** Rio de Janeiro, vol.24, n. 3, p. 563-600, 2002.

GOMES, Letícia Maria Rodrigues et al. Problemas Ambientais Causados pelo Ecoturismo no Setor Urbanizado do Subdistrito de Lavras Novas, Ouro Preto, MG. **Turismo - visão e Ação.** Balneário Camboriú - SC, v.5, n3, p.239-248, set./dez 2003. Disponível em: <http://siaiweb06.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/1079> Acesso em: 20 de junho de 2009.



LEFEBVRE, Henri. Introdução. In: LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política**. Trad. Margarida de Andrade e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. pp.17-35.

LIMA, Angélica Macedo Lozano; KOZEL, Salette. O lugar e o mapa mental: uma análise possível. **Geografia**. Londrina, v. 18, n. 1, jan./jun. PP.207-231, 2009.

MESQUITA, Westerlei Sousa. **Impactos socioambientais do turismo em Lavras Novas**. Disponível em: <[http://artigocientifico.uol.com.br/uploads/artc\\_1150381494\\_28.doc](http://artigocientifico.uol.com.br/uploads/artc_1150381494_28.doc)>. Acesso em: 20 de junho 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

RASSI, Sarah T.; MOLINA, Suely F. L.; AMADO, Letícia F. L. C. **O Brasil também é negro**. Goiânia: ED. UCG, 2004.

REA, Louis M.; PARKER, Richard A. Assegurando precisão científica. In.: **Metodologia de Pesquisa**: do Planejamento à Execução. São Paulo: Pioneira, 2000. PP.107-157.

SAMPAIO, Mauro. **Diretrizes para elaboração de um plano de desenvolvimento turístico em Lavras Novas, Ouro Preto**. Disponível em: <<http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?idconteudo=10710> >. Acesso em: 20 de junho, 2009.

SANTOS, Gilberto Lima dos; CHAVES, Antonio Marcos. Ser quilombola: representações sociais de habitantes de uma comunidade negra. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v.24, n.3, jul./set., 2007.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e moção. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

SILVA, Valdir José da. **Planejamento de marketing integrado e os impactos socioculturais do turismo em pequenas comunidades**. 2006. 102 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós - Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2006.

SOUZA, Patrício Pereira Alves de. Identidades, Memória e espacialidade na festa do Rosário. **Mercator**. Ceará, v. 8, n. 17, 2009. pp. 123-137.



# **Anexos**

## ANEXO I

### ROTEIROS PARA ENTREVISTAS

#### Identificação

Nome:

Endereço:

Telefone:

Origem:

Tempo de residência na comunidade:

Ocupação atual:

Fonte de renda:

Instrução:  não alfabetizado  fundamental incompleto

fundamental completo  médio completo  superior completo

Faixa etária:  até 20  de 21 a 30  de 31 a 60

de 61 a 80  acima de 80

#### Relação passado/presente

1- Você nasceu ou foi criado aqui? Há quanto tempo vive aqui?

2- Como eram as casas, as ruas, os quintais?

3- Como era a relação entre os moradores?

4- Houve grandes mudanças no distrito nos últimos 30 anos? Em quê? Como e por que ocorreram essas mudanças? Quem foi responsável por essas? Você acha que estas mudanças foram boas ou ruins? Por quê?

5- Você acharia bom se Lavras Novas fosse como era antigamente, isso é, não tivesse sofrido muitas transformações? Por quê?

6- Havia alguma atividade (artesanato, dança, grupos de dança, grupos religiosos, uso de conhecimentos antigos) que era realizada no passado pelos moradores e ainda permanece? Qual?

7- Como era aprendida essa atividade?

8- Você se envolve ou já se envolveu com alguma(s) dessas atividades? Se não se envolveu, qual foi o motivo? Se não se envolve mais, o que o levou a isso/ por qual motivo? Se estiver envolvido, você percebeu alguma mudança nessa(s) atividades(s) ao longo dos anos? O que levou a essa(s) mudanças? Você acha que foram mudanças boas ou ruins? Por quê?

9- Como você a(s) aprendeu?

### **O lugar**

- 1- Você se identifica com esse lugar e sua população? Por quê?
- 2- Existe algum lugar do distrito que você considera mais importante? Qual? Por quê?  
Quando você o vê ou pensa nele o que te lembra?
- 3- Existe algum lugar que lembra seus antepassados? Qual? Por quê?
- 4- Você acha que esse lugar é importante para a cultura e memória dos lavrasnovenses?  
Por quê?
- 5- Existiu algum lugar no distrito que foi importante para a comunidade, que tinha algum valor simbólico, cultural, mas que já não existe mais? Qual? Por que era importante? Por que não existe mais?
- 6- Você acha que existe algum problema no distrito? Qual(is)? Como acha que ele(s) surgiu(m)?
- 7- Já pensou em se mudar? Por quê?

### **Identidade negra**

- 1- Você é descendente dos negros que povoaram esse lugar?  
Se sim, como você considera essa herança? Por quê?
- 2- Como você declara a sua raça/cor: branco, pardo, negro, indígena ou amarelo?  
Por quê?
- 3- Você já foi discriminado por ser daqui? Em que situação? Você já foi discriminado pela sua raça/cor aqui em Lavras Novas? Em qual situação?

## ANEXO II

### Contrato de autorização de pesquisa e divulgação do trabalho científico

Eu ....., residente em domicílio na Rua.....nº....., no distrito de Lavras Novas, município de Ouro Preto-MG, inscrito(a) no RG sob o nº..... e no CPF sob o nº....., autorizo **Natália Faria de Moura**, estudante do curso de graduação em Geografia da Universidade Federal de Viçosa - UFV, inscrita no RG sob o nº MG-11.651.256 e no CPF sob o nº 080.084.256-10, a realizar e utilizar entrevistas gravadas para fins de investigação científica da sua Monografia. Tais dados poderão estar transcritos parcialmente no trabalho, com possível identificação do colaborado, e serão propalados para comunidade acadêmica da UFV e de outras entidades com fins de divulgação científica.

---

Colaborador na pesquisa

Ouro Preto, ....., de maio, 2010.

ANEXO III

Laura Novas.  
06/05/2010

**Certifico, que nesta data, recebi em**

**minha** casa, a simpática jovem estudante da Universidade de Viçosa, Natália Tania de Moura.

Não pude corresponder à expectativa dela por falta de respaldo documental da fonte de apresentação, a própria universidade, que assume o compromisso de, ao final do trabalho, se compromete a apresentar os resultados levantados. Quando? Como? De que forma?

Nos trinta anos dedicados ao serviço de colher dados sobre a cultura laurina, nunca obtive o retorno das promessas. E ainda, cabe-nos, ainda, ter o trabalho infrutífero de cobrar dos órgãos indicadores e obtermos respostas vagas, tipo, "este aluno não estuda mais aqui".

A gente só tem o final de semana para descansar e somos frequentemente impedidos do descanso pela quantidade de estudantes em busca de informações. Muito material já foi perdido e extraviado por nossa falta de habilidade e organização profissional.

Por isto, cabe-nos encaminhar o interessado à Casa de Cultura Dedela, quando às terças-feiras, às 19 horas, o interessado propor seu assunto, elas sejam registradas em atas e assinadas. Não estamos pedindo demais!

Atenciosamente  
- Susana Luiza de Moura -  
- de-208.7.354-Reg 297 -  
- CPF. 250.343326-04